



PUC
RIO

ANITA SPAIER

MODELO DE RELAÇÃO MATERNA E SUA INFLUÊNCIA
NO DESEMPENHO DO PAPEL DE MÃE E DE MULHER

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

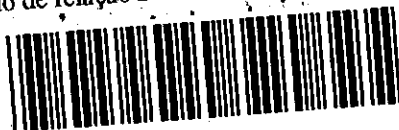
Rio de Janeiro, 17 de julho de 1984

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N. Cham. 150 S733 TESE UC

Título Modelo de relação materna e sua influencia no desempenh



Ex.1 PUCB

0105757

ANITA SPAIER

MODELO DE RELAÇÃO MATERNA E SUA INFLUÊNCIA
NO DESEMPENHO DO PAPEL DE MÃE E DE MULHER

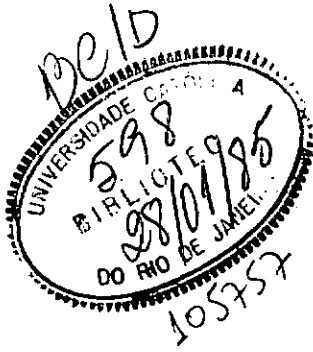
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.
Orientador: Maria Helena Novaes Mira

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 17 de julho de 1984

71988

BB-000219647



250
S733
TESE de
DC1

Medo.



A meus pais

MEUS AGRADECIMENTOS

- A Maria Helena Novaes Mira, orientadora deste trabalho, pela dedicação, incentivo e apoio expressados.
- A Esther França e Silva, por sua atenção e interesse.
- À equipe do CUJ, através de sua coordenadora Salomé Galvão, por ter facilitado a execução deste trabalho e pelo apoio demonstrado.
- À equipe da EAV-4º E/DEC, por sua colaboração e incentivo.

RESUMO

O presente estudo visa a compreensão de aspectos relacionados à introjeção de modelos de relação materna pela menina e sua repercussão no seu posterior relacionamento com os próprios filhos, tendo-se utilizado, principalmente, os enfoques teóricos da Psicanálise, complementando-se com os posicionamentos da Antropologia e da filosofia Existencial.

Partiu-se do pressuposto de que a atuação da mãe mostra-se ligada à primeira relação estabelecida com sua figura materna que servirá de modelo de relação para seu desempenho do papel de mãe. Na medida em que os conflitos vivenciados na infância com a figura materna não tenham sido superados e que mantenha-se, ainda, ligada emocionalmente à mesma, terá dificuldade em alcançar um modo individualizado de atuação junto aos filhos, independente da influência desse modelo.

Estas dificuldades também poderão repercutir na vida adulta, em termos de conflito frente à feminilidade, uma vez que na relação mãe-filha estão presentes aspectos de identificação feminina; a menina apreende, através deste relacionamento, tanto as atividades ligadas ao papel da mulher, como os valores atribuídos pela mãe à própria feminilidade, o que vai influenciar sua própria aceitação do papel feminino.

Foi realizada uma investigação de campo com o objetivo de comprovar a temática em estudo, tendo-se utilizado como me

metodologia o estudo descritivo de 20 casos, descrevendo-se todas as informações referentes à metodologia empregada, análise e discussão dos resultados.

Os resultados encontrados comprovaram a influência da relação mãe-filha e da introjeção do modelo de relação materna na atuação do papel de mãe e na identificação feminina.

ABSTRACT

The present study aims to achieve the understanding of aspects related with the introjection of maternal relation patterns by the girl and its reflects in further relationship with her own children in which was used mainly the Psychoanalysis approach increased with Anthropology and Existencial Philosophy theories.

It derived from the pressupposed that mother's performance reveals related with the first relation with her own mother which will be used as relation pattern to her performance of mother's role. In proportion that the childhood's conflicts with her mother hasn't been overcome and still remaining emotionally related to her, she will have difficulty in achieve an individualized performance as a mother, independent of this pattern's influence.

Those difficulties may also reflect in her adult life as a femininity conflict since mother-girl relation includes feminine aspects of identification; the girl apprehends through this relationship the woman's role activities and the mother value of her own femininity which will affect the girl's acceptance of the feminine role.

It was realized a research with purpose to comprobate this concerning subject, having used as methodology the descriptive study of twenty cases, describing all informations concerned

the methodology, results analysis and discussion.

The results pointed the influence from mother-girl relation and the implications from the introjection of maternal relation patterns in performance of the mother's role and in the feminine identification.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 - A RELAÇÃO MÃE-FILHO E O DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO DA CRIANÇA	6
2 - O PROCESSO DE SEPARAÇÃO-INDIVIDUAÇÃO NA DÍADE . . .	25
3 - ASPECTOS DA RELAÇÃO MÃE-FILHA E A PSICOLOGIA FEMININA .	35
4 - CONFLUÊNCIA DOS PAPÉIS DE MÃE, FILHA E MULHER . . .	47
5 - A INVESTIGAÇÃO DE CAMPO	60
5.1 - Metodologia	60
5.1.1 - Caracterização do Instrumental de Avaliação	62
5.1.1.1 - A Entrevista Psicológica	62
5.1.1.2 - Teste de Apercepção Temática (TAT)	66
5.1.2 - Procedimentos	69
5.2 - Análise e Discussão dos Resultados	70
5.2.1 - Análise dos Dados Obtidos nas Entrevistas	70
5.2.2 - Análise dos Resultados do Teste TAT	86
5.2.3 - Casos Ilustrativos	96
5.2.4 - Discussão dos Resultados	110
6 - CONCLUSÃO	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	124
ANEXO I	125

INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é analisar a relação materno-filial, tendo em vista sua importância, não apenas no desenvolvimento emocional da criança, como também, no ajustamento da mãe ao seu papel como mãe junto aos filhos.

Do momento em que se estabelece o vínculo mãe e filho, uma série de sentimentos são levados pela mãe para esta relação, em termos de expectativas, necessidades e frustrações. Muitos destes sentimentos são comunicados ao filho, ainda que inconscientemente, o que tende a dificultar esta relação.

Um dos aspectos que vai influenciar a maneira da mãe conduzir a educação de seus filhos é o da imagem de figura materna que ela traz dentro de si, formada pela vivência de sua relação com sua mãe na infância. Através dessa primeira relação com a mãe, será introjetada pela menina um modelo de relação materna, que repercutirá em seu posterior desempenho do papel de mãe.

Propõe-se, portanto, a compreensão do desenvolvimento da relação mãe-filho, como também do processo separação-individuação, no sentido de que a mãe consiga separar-se emocionalmente de sua própria figura materna, encontrando um modo de atuação mais autônomo no relacionamento com os próprios filhos.

Além disso, tendo-se em vista que nas primeiras relações

entre mãe e filha estão presentes aspectos de identificação sexual e, que o modo como a figura materna se posiciona frente à própria feminilidade vai influenciar a aceitação do papel de mulher pela filha, serão também enfocados aspectos da psicologia feminina.

Para isso, buscou-se nos posicionamentos teóricos da Psicanálise, referências a partir das quais se pudesse interpretar com maior rigor a questão do desenvolvimento do vínculo afetivo entre mãe e filho, bem como, da repercussão de modelos introjetados de relação materna e do desenvolvimento psicossexual feminino. Além disso, encontrou-se nas proposições da Antropologia e da Filosofia Existencial suporte para um maior entendimento do papel da mulher.

A dissertação desenvolveu-se a partir da constatação da importância da figura materna no desenvolvimento emocional da criança, com quem o relacionamento é fundamental, não apenas para a sobrevivência física, mas também, como fonte de contato com a realidade externa, através da qual a criança será capaz de construir uma imagem coerente de seu mundo. Para isso, foram focalizados aspectos fundamentais do desenvolvimento da relação mãe e filho, segundo os enfoques teóricos de J. Bowlby , R. Spitz, D.W.Winnicott e M. Klein.

A seguir, considerando-se que a importância da relação mãe-filho prende-se ao fato de, não apenas atender às suas necessidades biológicas e psicológicas, mas, principalmente, capacitar a criança para o rompimento gradual dessa ligação, pas

sando da dependência para a autonomia, numa determinada etapa da vida, buscou-se a contribuição de M. Mahler sobre o processo de separação-individuação.

Viu-se que este processo é sentido como muito doloroso, não só por parte do filho como também, pela mãe. Neste processo de separação, o filho só conseguirá alcançar novos padrões e a autonomia se a mãe criar, não só externa, mas internamente, a oportunidade para tal; a criança só conquistará a individualidade se também for desejo da mãe que isto seja conseguido. O processo de separação, que leva à consciência intrapsíquica de desligamento, mostra-se importante na formação da capacidade da criança em tornar-se um indivíduo.

Foram também abordados os conceitos básicos do desenvolvimento da sexualidade feminina e os conflitos gerados na relação mãe-filha, tomando-se por base, principalmente, as concepções teóricas de S. Freud, H. Deutsch, M. Klein e M. Langer. É na relação mãe-filha que a menina vai introjetar uma imagem materna que servirá de modelo de relação para seu posterior desempenho do papel de mãe.

As emoções da mãe contêm seu próprio passado e os conflitos vivenciados pela menina em suas primeiras relações com a figura materna vão repercutir em seu relacionamento com os próprios filhos; é como se ela repetisse na relação com os filhos o modelo de relação que teve na infância.

Do mesmo modo, os conflitos ocorridos nas primeiras relações mãe e filha também poderão repercutir na vida adulta, em

termos de conflito frente à feminilidade, uma vez que a atitude da figura materna frente ao seu papel de mulher é um dos fatores principais no que concerne à identificação feminina da filha e sua aceitação do papel feminino.

A partir de uma breve evolução histórica das mudanças do papel da mulher, procurou-se obter uma maior compreensão sobre este papel, assim como, de sua superposição com os papéis de filha e de mãe. Para isso, foram abordadas as contribuições da Antropologia, onde M. Mead mostra evidências de um condicionamento cultural modelando os comportamentos dos dois sexos, e também, as contribuições da Filosofia Existencial, em que S. de Beauvoir procura mostrar como o destino da mulher é imposto pela sociedade, o que faz com que ela reduza seu espaço existencial. Dentro de uma visão social, foi também citado o levantamento realizado pelo Grupo Ceres(1981), no qual se discute a representação que a mulher faz de sua sexualidade.

Foi realizada uma investigação de campo que teve como objetivo colher dados que possibilitassem a análise da problemática da introjeção do modelo de relação materna, utilizando-se como metodologia, o estudo descritivo de casos.

O grupo foi composto de 20 mães, de idades e níveis socioeconômicos variados, residentes no município do Rio de Janeiro. Como instrumental de análise foram utilizados a entrevista psicológica e o teste TAI de Henry Murray, tendo sido feita uma análise dos resultados encontrados, intercalada com os depoimentos mais significativos e com algumas das históri-

as elaboradas frente ao teste TAT.

A presente investigação procurará contribuir para o entendimento da complexidade inerente ao desempenho do papel de mãe, trazendo subsídios para uma maior compreensão do processo de orientação de mães, bem como, contribuindo para o aprofundamento da psicologia feminina.

1 - A RELAÇÃO MÃE-FILHO E O DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO DA CRIANÇA

O ser humano, ao nascer, depende do meio ambiente para obter a satisfação de suas necessidades e para a própria sobrevivência, que só será conseguida se por um certo período de tempo tiver quem cuide dele, uma vez que está biologicamente despreparado para viver independente.

A incapacidade inicial de sobreviver não é só física, mas também psíquica, pois ele não tem como manter-se se não for através de outra pessoa que possa estabelecer uma relação afetiva com ele.

Sua primeira ligação com outro ser humano será estabelecida com a mãe, a quem caberá o papel de atender suas necessidades, não apenas fisiológicas, mas também as psicológicas, e ajudá-lo em seu processo de desenvolvimento. Assim, ocorrerá uma estreita e singular relação entre esses dois seres.

É necessário esclarecer que quando se fala em mãe, também pode-se referir à figura materna substituta, que corresponde à mulher que assume para si a responsabilidade de criar e cuidar do bebê, como se fosse sua própria mãe. Não são consideradas figuras maternas substitutas aquelas pessoas que, ocasionalmente, cuidam do bebê em função de um afastamento temporário da mãe, ou as que se revezam no cuidado de crianças internadas em instituições que abrigam menores abandonados.

Aspectos fundamentais sobre o desenvolvimento da relação

mãe-filho serão abordados segundo os enfoques teóricos de John Bowlby, René A. Spitz, D.W. Winnicott e Melanie Klein, no sentido de comprovar a importância e necessidade da figura materna no desenvolvimento emocional da criança.

Bowlby (1976) traz uma importante contribuição para a compreensão da ligação afetiva que une a criança à mãe. Baseado em teorias dos etologistas, que acreditavam na existência de um repertório de padrões de comportamento específicos em cada espécie e em estudos sobre as consequências desestruturantes das carências maternas, afirma que a ligação da criança com a mãe resulta de uma necessidade primária, dispondo de mecanismos inatos para sua realização.

Bowlby substitui a noção de dependência emocional, que se fundamenta no estado de desamparo em que se encontra o bebê humano, pela noção de vinculação ou 'attachment', que expressa mais claramente a importância dos mecanismos inatos. Afirma que: "Muy distinto es depender de una figura materna, que sentirse apegado o unido a ella por un vínculo de afecto" (p. 254).

O autor critica as teorias que explicam a ligação emocional do bebê à mãe como decorrente de um impulso secundário, provindo da satisfação das necessidades fisiológicas de base, tais como a fome e a sede; a dependência física produziria, pouco a pouco, a dependência psíquica, sendo a mãe associada à satisfação das necessidades. Para ele: "A criança possui uma necessidade inata para entrar em contato com outros seres

humanos; ela manifesta, ao mesmo tempo, necessidades orais e necessidades de contato, que se integram ao longo do desenvolvimento e se concentram em torno da mãe. Estas necessidades estão na base do comportamento de vinculação" (p. 204).

Zazzo (1978) refere-se à vinculação como: "uma ligação de afeto específica, dum indivíduo a outro. A primeira ligação é, geralmente, estabelecida com a mãe, mas pode acompanhar-se, também, de vinculações a outros indivíduos; ao contrário da dependência, não é relativa às exigências dum situação. Por fim, e sobretudo, no contexto etológico em que apareceu pela primeira vez, supõe a tendência original e permanente de procurar a relação com outrém" (p. 22)

Bowlby descreve cinco pautas de conduta que contribuem para estabelecer o vínculo de afeto da criança com a mãe: sugar, agarrar-se a, seguir, chorar e sorrir. Estas condutas se organizam de tal maneira que culminam no comportamento de vinculação.

As três primeiras só realizam seu objetivo enquanto uma resposta recíproca, mas relativamente limitada, é obtida da mãe. A conduta de 'agarrar-se' surge muito cedo como, por exemplo, por ocasião dos movimentos das mãos durante a mamada, e a de 'seguir' responde a estímulos de origem materna e é observada em situações de medo e hostilidade.

Já as duas últimas modelam-se sobre o comportamento da mãe e podem ser descritas como estímulos sociais que respondem à mãe e acarretam uma resposta desta. A conduta de 'cho

rar'. não é provocada unicamente por necessidades orais e é frequentemente interrompida pelo ninar ou por palavras da mãe e o 'sorriso' intensifica a interação entre mãe e bebê, mantendo uma proximidade entre ambos.

Para Bowlby, estas cinco respostas de origem instintiva, manifestam-se porque permitem à criança sobreviver. Elas provocam os cuidados maternos e, ao bebê, o contato íntimo com a mãe.

Através da observação do desenvolvimento da conduta de "attachment", o autor encontrou provas de que a maioria dos bebês de cerca de quatro meses já responde de maneira diferenciada à mãe, em comparação com outras pessoas, embora considere que ainda não se poderia afirmar tratar-se de uma verdadeira conduta de vinculação. Afirma que não há provas de que o bebê reconhece apenas a mãe, e sim, que se comporta de tal maneira que se torna manifesta essa conduta, com eleição de determinadas figuras de afeto.

Observou que: "A criança, no primeiro ano de vida, desenvolve uma clara preferência pela pessoa que cuida dela e que é chamada de mãe. Esta preferência permanece mesmo no caso em que o bebê inclui outras pessoas como suas possíveis opções no caso da mãe faltar" (p. 228)

Bowlby, em seus estudos sobre carências maternas, procura frisar os malefícios da ausência de uma relação mãe e filho, chamando a este estado de 'Privação Materna', que compreende tanto as situações em que a mãe, apesar de viver no

mesmo local que o filho, não tem condições emocionais para propiciar-lhe os cuidados necessários, bem como, aquelas situações em que um total contato é privado ao bebê.

A privação parcial provoca ansiedade, sentimentos de vingança, com culpa e depressão. A privação total pode ter como consequência uma total invalidação da capacidade de adaptação social. Esta privação seria decorrente da perda da mãe, por morte, enfermidade ou o abandono total, ficando muitas vezes a cargo de instituições encarregadas de crianças nesta situação.

Deve-se distinguir a noção de separação do conceito de carência materna, pois a primeira não implica obrigatoriamente na segunda. A separação só é geradora de carência se a criança for colocada num meio em que a interação com um substituto materno é insuficiente ou se os episódios de separação são frequentes.

Só se pode falar em separação mãe e filho se houver indicação de ter havido interrupção de uma relação já formada. Não se podem englobar sob esse mesmo termo todos os casos de afastamento de uma criança de sua mãe, sem levar em consideração a idade da criança, a natureza do vínculo que existia entre ela e a mãe, e seu grau de maturidade.

Portanto, pode-se deduzir que a separação torna-se mais perigosa no momento em que a conduta de vinculação se estabelece; é no momento em que a criança reconhece sua mãe como tal que ela se torna indispensável.

Com isso, temos que carência ou privação designa a insuficiência de interação entre mãe e filho, e separação, aplica-se a uma descontinuidade das relações, seja acompanhada ou não de insuficiência.

Spitz (1979), em seu estudo sobre a gênese das primeiras relações objetais, utiliza o termo 'díade' (dado por Georg Simmel) para referir-se à relação que se estabelece entre mãe e filho. Afirma que: "Para o recém-nascido, o meio ambiente consiste, por assim dizer, em um único indivíduo, a mãe ou um substituto dela, o qual não é percebido como uma entidade distinta de si mesmo, denominando a este estágio de pré-objetal" (p. 49).

Como no início o ego é uma organização rudimentar, a mãe vai atuar como ego exterior ou ego auxiliar, até que a criança desenvolva uma estrutura organizada de ego. Nesse papel, a mãe desempenha as ações do bebê e satisfaz seus desejos como os entende e, por sua vez, suas ações comunicam suas intenções ao bebê.

Para Spitz: "A relação da díade caracteriza-se por um 'feedback' recíproco, onde ambos estão em contínua interrelação circular. A contribuição da mãe para a relação é completamente diferente da do bebê; cada um deles é o complemento do outro. Temos de um lado a mãe, com sua individualidade madura e estruturada e, do outro, a criança, cuja individualidade vai-se abrindo, desenvolvendo e estabelecendo progressivamente" (p. 97). A esta parte das relações objetais, Spitz

denomina 'diálogo'.

Este sistema de comunicação pressupõe o mútuo intercâmbio e ligação afetiva, que começam desde o nascimento e abrem caminho para as relações objetais que permitem o relacionamento futuro com os outros.

Spitz afirma: "Os sentimentos maternos em relação ao filho são elementos básicos desta interrelação objetal. Estes sentimentos criam o chamado 'clima emocional favorável' para o desenvolvimento da criança. O amor que a mãe tem por seu filho faz com que, a cada momento, ele seja um objeto de interesse para ela e, é exatamente esse interesse que faz com que ela lhe ofereça experiências essenciais para seu desenvolvimento. O que torna essas experiências tão importantes para a criança é o fato de que elas estão caracterizadas pelo afeto materno; as crianças respondem afetivamente a esse afeto" (p. 99).

Esta forma especial de interação cria para o bebê um mundo peculiar onde a mãe, através de sua simples presença e existência, age como estímulo para as respostas da criança. Os dois juntos, mãe e filho, constituem a díade, e a maioria das ações do filho depende da ligação com as ações da mãe e do modo como repercute nela. Observa-se que as ações do bebê que são agradáveis à mãe, são por ela reforçadas e facilitadas; suas preferências terão, portanto, uma influência direta no desenvolvimento do filho. Do mesmo modo, as ações da criança que forem por ela desaprovadas, tenderão a ser res -

tringidas.

Spitz considera que: "O maior grau de facilitação ou restricção para as ações do filho é propiciado, não pelas ações conscientes da mãe, e sim, por suas atitudes inconscientes." (p. 120).

A influência facilitadora trata-se de uma força liberadora e estimuladora, expressando mais as aspirações do ideal do ego da mãe, e a influência restritiva, que pertence ao setor de controles, mostra uma relação com as solicitações do superego materno.

No desenvolvimento afetivo da criança, não são só os sentimentos de prazer os únicos importantes, mas também os de desprazer e, privar o bebê do sentimento de desprazer é tão prejudicial quanto privá-lo de satisfações. Para Spitz: "Prazer e desprazer têm um papel igualmente importante na formação do sistema psíquico e da personalidade; é em contato com as frustrações, que devem ocorrer naturalmente durante a criação de uma criança, que ela atinge um crescente grau de independência, tornando-se cada vez mais ativa em suas relações com o mundo" (p. 138).

Spitz observou que por volta do terceiro mês de vida surge a primeira manifestação comportamental ativa e intencional do bebê; é a reação de sorriso emitida pelo bebê quando vê um rosto de frente, rosto este traduzido em termos de dois olhos, nariz e boca que se resumem num sinal gestáltico. Es

te sorriso é o primeiro indicador da transição de passividade do bebê para o início do comportamento ativo, que de agora em diante desempenhará um papel mais importante, quer dizer, o sinal gestáltico é uma transição para o estabelecimento do objeto libidinal.

Passada esta fase, por volta dos oito meses, inicia-se o processo de reconhecimento de uma face específica e individual, surgindo o que Spitz denomina 'angústia dos oito meses', em que a criança já fixou a face da mãe, reagindo sob a forma de uma ansiedade específica frente à aproximação de um estranho. Considera que: "Esta ansiedade é causada pelo medo que a criança tem de ter perdido a mãe (o objeto libidinal)" (p.149).

Com o advento da locomoção, ocorre uma mudança radical na relação da díade; a mãe que até então atendia ou não às necessidades da criança, passa agora a intervir com ordens e proibições. O 'não' da mãe representa uma frustração emocional, colocando a criança em conflito, uma vez que existe uma intensa ligação libidinal que a atrai à mãe e, seus impulsos agressivos são acordados pela ação frustradora que lhe é imposta. A criança, situada entre seu próprio desejo e a proibição do objeto, recorre a um mecanismo de defesa, o da identificação, que neste estágio está justamente emergindo. Assim, surge o primeiro gesto semântico da criança, o meneio de cabeça e a palavra 'não'.

Desta forma, nas relações objetais cada um provoca a res

posta do outro, havendo interação constante entre mãe e filho.

Mas, nem sempre estas relações desenvolvem-se de modo harmônico e uma série de fatores podem surgir e afetar esta relação. Como a mãe é o parceiro ativo e dominante e a criança, pelo menos no início da vida, é a receptora passiva, isso leva à suposição de que, na primeira infância, relações insatisfatórias entre mãe e filho podem trazer consequências futuras nocivas para a vida emocional do bebê.

Spitz realizou um importante estudo sobre as repercussões da privação afetiva materna no primeiro ano de vida, distinguindo duas categorias: a privação afetiva parcial e a privação afetiva total.

Ele denominou de 'Depressão Anaclítica' a uma síndrome mais ou menos delimitada, que seria desencadeada após uma separação do bebê de sua figura materna, de duração mínima de três meses. O termo depressão é empregado em razão de semelhança entre este quadro clínico e o da depressão no adulto, se bem que suas estruturas dinâmicas sejam diferentes. Observou que quando a mãe é restituída à criança, ou se consegue encontrar um substituto aceitável, o distúrbio desaparece com uma rapidez surpreendente.

Já no caso de privação total, o afastamento definitivo da mãe traria sérias consequências. A criança passaria, a princípio, por um período com características de depressão anaclítica para logo em seguida ser tomada por uma passividade e marasmo, podendo chegar à morte.

Spitz fala da importância do contato de pele com o bebê, pois, é através deste contato que ele pode descarregar sua energia acumulada, seus impulsos agressivos ou sentir o carinho dos que cuidam dele. Quando a criança não pode soltar estes impulsos por falta de uma relação objetal estável com a mãe, descarregará a agressão sobre si mesma, podendo chegar a se auto-destruir. A carência total impede o desenvolvimento das relações objetais e, essas crianças se vêm privadas de um prazer com o outro, chegando ao ponto de não conseguirem sequer encontrar um prazer auto-erótico, como o de chupar o dedo.

Winnicott (1978) atribui à mãe um importante papel no desenvolvimento emocional do filho: "É ela quem propiciará ao bebê a primeira relação com a realidade externa, fornecendo-lhe de maneira uniforme o pedacinho simplificado de mundo que a criança, através dela, passa a conhecer" (p. 280).

A essência da experiência infantil reside na sua dependência do cuidado físico que se mostra vinculado ao fator psicológico. Assim, o cuidado que é percebido pelo bebê como satisfatório, gratifica não só suas necessidades físicas, mas, também, as psicológicas. Para que isto seja atendido, é indispensável que o bebê tenha uma mãe, ou uma substituta, que lhe ministre os cuidados adequados (maternagem).

O conceito de Winnicott de provimento materno neste estágio de maternagem é o 'holding', que se baseia na empatia materna e cuja função é normal na mãe por causa de sua 'Preocu-

pação Materna Primária'

O conceito de 'preocupação materna primária' foi introduzido por Winnicott para referir-se a "uma condição psicológica de sensibilidade aumentada que se desenvolve na mulher durante, e especialmente, no final da gravidez, continuando por algumas semanas após o nascimento da criança, sendo depois reprimida. Este estado de sensibilidade vai permitir que a mãe possa se sentir como se estivesse no lugar do bebê e, deste modo, responder às suas necessidades. É como uma "doença normal" e, para que a mulher possa atingir esse estado e dele se recuperar, precisa ser sadia." (p. 493).

A concepção do 'holding' exprime com clareza todo o ciclo evolutivo do qual participam igualmente mãe e filho, ocorrendo transformações recíprocas em ambos. Para o autor, não haveria propriamente intercâmbio, e sim, uma vivência em comum; o bebê se alimenta de um seio que é parte dele e a mãe alimenta um bebê que é parte dela. Winnicott acredita que a mãe que pode dar o seio a seu filho encontra uma experiência muito mais rica para si mesma, e o bebê, através do ato de mamar, encontra uma maior facilidade para a formação das relações iniciais entre dois seres.

A partir do artigo de Jacques Lacan, 'Le Stade du Miroir' (1949), Winnicott (1975) estabelece uma relação entre o espelho e o rosto da mãe, no sentido do papel da mãe em devolver ao bebê, o próprio eu(self) deste. Nas primeiras fases do desenvolvimento emocional do bebê, um papel vital é desempenhado pelo meio

ambiente que, de fato, o bebê ainda não separou de si mesmo. Gradativamente a separação entre o "eu" e o "não-eu" se efetua, e o ritmo dela varia de acordo com o bebê e com o meio ambiente. As modificações principais realizam-se quanto à separação da mãe como aspecto ambiental objetivamente percebido.

Para Winnicott: "Quando um bebê olha a mãe, o que ele vê é a ele mesmo, quer dizer, quando a mãe olha para o bebê, aquilo com o que ela se parece está relacionado com o que ela vê ali, portanto, ela assume o papel de espelho, devolvendo ao bebê seu próprio eu(self). No entanto, há casos em que a mãe reflete o próprio humor ou a rigidez de suas defesas, e assim, o bebê não recebe de volta o que está dando; ele olha e não vê a si mesmo, o que causará consequências para o bebê. Ele poderá procurar outros meios de obter de volta algo de si mesmo, a partir do ambiente. Depois, ele se acostuma à idéia de que, quando olha, o que é visto é o rosto da mãe, o qual não é um espelho. Assim, perde-se o que teria sido uma troca significativa com o mundo." (p. 155)

O autor afirma que o amor da mãe não significa apenas um atendimento às necessidades de dependência, mas vem a significar a concessão de oportunidade que permita ao bebê passar da dependência para autonomia. A mãe deve saber intuitivamente responder às necessidades do filho, quando ele vem ao mundo, mas deve também aprender a desprender-se disso, a responder menos às suas necessidades, a fim de não satisfazê-lo em demasia.

Cabe à mãe a tarefa de desiludir o bebê; até agora ele desejava e era atendido e, em outras vezes o desejado não chegava e era onipotentemente odiado. Agora, o bebê vai aprendendo que o que ele deseja poderá vir em outro momento, e que a mãe tem outras atividades que a impedem de uma dedicação exclusiva e integral, mas que não o abandonou por isso. Uma das etapas na vida do bebê, onde é mais característico o aspecto de desilusão, no qual a mãe tem um papel assegurado, é o desmame.

Portanto, a boa mãe é aquela que se adapta ativamente às necessidades do bebê e que depois vai, gradualmente, diminuindo esta adaptação, à medida em que a capacidade do bebê em lidar com as frustrações vai aumentando. Neste ponto, Winnicott concorda com Spitz, no que se refere à importância do desprazer no desenvolvimento emocional do bebê.

Winnicott (1978) introduz os termos 'objeto transicional' e 'fenômenos transicionais' para designar "uma área intermediária da experiência, situada entre as primeiras atividades de levar o polegar à boca e a ligação a um objeto especial (como um animal de pelúcia), entre o erotismo oral e a verdadeira relação objetal." (p. 390).

O objeto transicional não é um objeto interno, tampouco um objeto externo; é uma possessão e é simbólico de algum objeto parcial (como o seio). Quando o bebê emprega o objeto transicional está distinguindo entre fantasia e fato, entre objetos internos e objetos externos, abrindo campo ao processo de ser capaz de aceitar diferenças e similaridades.

O bebê desenvolve um padrão pessoal de fenômenos ou objetos transicionais, podendo surgir uma fralda, um cobertor, um bichinho de pelúcia, etc., que se torna vitalmente importante para o bebê, constituindo uma defesa contra a ansiedade que ocorre, por exemplo, em situações de separação e perda.

Winnicott afirma que não é o objeto que é transicional; ele representa a transição do bebê de um estado em que está fundido com a mãe para um estado em que está em relação com ela, como algo externo e separado.

O autor aborda (1965) a solidão do ser humano sob um novo prisma, afirmando que a capacidade da pessoa se sentir sozinha, representa um sinal marcante de maturidade do desenvolvimento emocional. Paradoxalmente, a base para esta capacidade é a de ter se sentido sozinho quando criança, na presença de alguém, ou seja, o bebê ter podido desfrutar da sensação de estar só, embora com a mãe presente.

Esta experiência de se sentir só em presença da mãe pode ocorrer em tenra idade, quando a imaturidade do ego é naturalmente compensada pelo apoio do ego fornecido pela mãe. Com o tempo, a criança introjeta o ego suporte da mãe e, desta forma, torna-se capaz de ficar só sem necessitar da presença dela ou de um símbolo seu.

É importante ressaltar que esta capacidade depende de que o bebê tenha tido uma relação com uma figura materna suficientemente boa, a ponto de que possa acreditar em um ambiente ex

terno bom. É somente quando a criança está sozinha, em presença de alguém, que ela descobre sua própria vida pessoal, pois, caso contrário, estará construindo uma vida falsa em termos de reações a padrões externos.

Assim, conforme Winnicott estabelece, a capacidade de estar sozinho é baseada na experiência de ter estado só na presença de alguém e, sem ter experimentado uma relação deste tipo, tal capacidade não se desenvolverá.

Klein (1969) postula a existência de relações objetais desde o início da vida, sendo o primeiro objeto o seio materno, o qual, para a criança, é dividido num bom (gratificador) e num mau (frustrador); essa divisão resulta numa separação nítida de amor e ódio. As relações do bebê com o primeiro objeto são moldadas por uma interação dos mecanismos de projeção e introjeção, bem como de dissociação, o que é a base do processo de identificação.

Estudando o desenvolvimento do superego, a autora mostra que na criança pequena ele é muito severo e formado por identificações dissociadas em extremamente boas e extremamente más.

Afirma (1970) que: "O bebê, logo no começo, ama a mãe que para ele é um objeto que satisfaz seus desejos, um seio bom, que o gratifica e dá segurança. Mas quando sente fome, dor ou desconforto, surgem sentimentos de ódio e agressividade e, ele se vê dominado pelos impulsos de destruir a pessoa mesma que é o objeto de todos os seus desejos e que em sua mente está liga-

da a tudo o que ele experimenta - seja de bom ou mau."(p. 95)

Os impulsos e sentimentos do bebê são acompanhados por um tipo de atividade mental que se mostra o mais primitivo de todos- a criação de fantasias ou, mais coloquialmente, a imaginação. Para ele, suas fantasias são reais, ou seja, quando os seus impulsos destrutivos aparecem é porque ocorrerá realmente a destruição do objeto odiado, o que o deixa extremamente perseguido e ameaçado. O conflito entre amor e ódio, e o receio de perder o ser amado geram sentimento de culpa e desejo de reparação.

Inicialmente, em termos de fantasias, o desamparo e de sintegração que o bebê sente quando da ausência da mãe, como que se extensiona em seu interior, a ponto de ficar extremamente perseguido e incapacitado objetivamente de reparar o dano que acredita ter causado a ela. Mas, quando após uma ausência a mãe reaparece diante da criança, esta vai, gradualmente, percebendo que seus impulsos destrutivos não são tão poderosos, sentindo-se novamente como fruto de sua atenção e carinho.

Pouco a pouco, o bebê percebe que seu objeto ideal (seio bom) e impulsos libidinais são mais fortes do que o objeto mau (seio mau) e os impulsos destrutivos. Ele vai se identificando com suas partes boas, se sentindo mais íntegro e com um ego mais capacitado para defender-se. Exatamente por isto, ele vai podendo reconhecer a mãe, não mais como objeto parcial, seio, mãos e rosto, mas como uma pessoa inteira com a qual ele estabelece uma relação mais estável, sabendo que a mãe, às ve

zes, pode ser boa, às vezes má, ausente ou presente, amada ou odiada.

Klein considera a capacidade de identificação com outra pessoa, um dos elementos mais importantes nas relações humanas em geral, e também, uma condição para sentimentos de amor verdadeiros e sólidos.

Laplanche e Pontalis(1970) definem identificação como "o processo pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações"(p.295) Acrescenta que é no sentido reflexivo (identificar-se) que o termo é usado em Psicanálise, não devendo ser confundido com imitação, já que esta não teria um elemento inconsciente.

Klein(1969) introduz os conceitos de identificação projetiva e identificação introjetiva, mostrando suas relações com a projeção e a introjeção, no contexto do desenvolvimento inicial: "Quando alguém projeta a si ou parte de seus impulsos ou sentimentos sobre outra pessoa, realiza uma identificação projetiva, que pode ser hostil ou amistosa; mas se um objeto é aceito dentro do eu, a ênfase está na aquisição de algumas das características desse objeto e no ser influenciado por elas (identificação introjetiva)." (p. 322).

A introjeção excessiva põe em perigo a força do ego, porque ele fica inteiramente dominado pelo objeto introjetado. Se a projeção for excessiva, há incapacidade de discernimento objetivo.

A autora considera que a identificação projetiva e a introjetiva são fundamentais e complementares uma da outra, integrando desde o início da vida.

Klein conclui que para haver um desenvolvimento favorável da criança, é preciso que o ego estabeleça firmemente seu objeto bom (o seio bom), ficando estritamente identificado com ele; é o objeto bom introjetado que forma o núcleo do ego, ao redor do qual este se expande e desenvolve.

2 - O PROCESSO DE SEPARAÇÃO-INDIVIDUAÇÃO NA DÍADE

A relação que se estabelece entre os componentes da "díade" apresenta características próprias, podendo-se observar um tipo peculiar de interação. Segundo Spitz (1965), a díade é basicamente assimétrica, mas complementar; cada um deles é o complemento do outro e, enquanto a mãe satisfaz as necessidades do bebê, este, por sua vez, satisfaz as necessidades da mãe.

Entretanto, a importância da relação mãe e filho prende-se ao fato, dentre outros, de capacitar a criança para uma necessária separação dessa mesma relação, numa determinada etapa da vida.

A este respeito, temos um importante estudo realizado pela psicanalista Margaret Mahler sobre a natureza da ligação da criança com a mãe e o processo de rompimento gradual desta ligação.

Mahler (1975) afirma que: "O nascimento biológico do homem e o nascimento psicológico do indivíduo não coincidem no tempo; o primeiro é um evento bem delimitado, dramático e observável, e o último, um processo intrapsíquico de lento desdobrar." (p. 15).

Ao nascimento psicológico do indivíduo refere-se como o processo separação-indivuação, o qual segue dois cursos separados, porém entrelaçados: o da separação, que consiste na saída da criança da fusão simbiótica com a mãe, levando à consciência intrapsíquica de desligamento, e o da individuação que

leva à aquisição de uma individualidade distinta e única.

Como qualquer processo intrapsíquico, este prossegue através do ciclo da vida, porém, as principais aquisições psicológicas desse processo têm lugar no período que começa por volta do quarto ou quinto mês de vida e vai até o trigésimo ou o trigésimo sexto mês.

A autora distingue duas fases que antecedem o processo separação-individuação, a autística normal e a simbiótica normal.

As primeiras semanas de vida extra-uterina correspondem à fase de autismo normal, onde o bebê não percebe a diferença entre realidade interna e externa, e a satisfação das necessidades pertence à sua própria e onipotente órbita autista. Ele não isola ou separa a atuação da mãe de suas próprias tentativas de reduzir tensões, como urinar, defecar, tossir, todos esses, meios pelos quais o bebê tenta livrar-se de tensões desagradáveis. O efeito de tais fenômenos expulsivos, bem como das gratificações obtidas pelos cuidados maternos, auxiliam, com o tempo, o bebê a diferenciar a experiência de qualidade "prazerosa" e "boa", dentre outras de qualidade "dolorosa" e "má". Nesta fase verifica-se um absoluto narcisismo primário, caracterizado pela falta de percepção da criança de um agente externo que lhe dispensa cuidados.

A partir do segundo mês, a criança começa a ter uma vaga percepção que suas tensões são aliviadas por algo vindo do mundo externo, enquanto que o acúmulo de tensão é gerado dentro dele. Mahler (1979) considera que: "para haver este vago reconhe-

cimento deve haver alguma diferenciação rudimentar do ego. Isto assinala o início da fase de simbiose normal, na qual o bebê comporta-se e funciona como se formasse com a mãe um sistema onipotente-uma unidade dual dentro de uma fronteira comum" (p. 35)

O termo simbiose, no estudo de Mahler, não é usado com a notação biológica, mas sim para representar aquele estado de fusão com a mãe, no qual o "eu" ainda não está diferenciado do "não-eu", e em que o dentro e o fora estão começando a ser gradualmente percebidos como diferentes.

Embora o narcisismo primário ainda prevaleça, ele não é tão absoluto na fase simbiótica quanto o foi na fase autística; a criança começa a perceber, ainda de forma obscura, que a satisfação vem de um objeto parcial gratificador das necessidades- se bem que realizando-se ainda no interior da órbita de sua onipotente unidade dual simbiótica. É o começo do rompimento da barreira quase-sólida ao estímulo, essa concha que afasta os estímulos externos.

Para cada um dos parceiros da díade simbiótica, a simbiose tem um significado diferente; a necessidade que a criança tem da mãe é absoluta e a necessidade que a mãe tem da criança é relativa.

O bebê necessita que a mãe desempenhe a função de ego auxiliar (Spitz - 1979), adotando uma atitude protetora (Winnicott-1978), a qual será a organizadora da simbiose. O ego rudimentar do recém-nascido e do bebê precisa ser complementado pelo vínculo emocional dos cuidados maternos, numa espécie

de simbiose social. É dentro dessa matriz de dependência psicológica e sociobiológica da mãe que se dá a diferenciação estrutural que vai levar à organização do indivíduo. Portanto, sempre que nesta fase ocorram situações aflição do bebê, o parceiro protetor é chamado no sentido de manter a homeostase.

Para Mahler, é a conduta protetora da mãe que vai ajudar o bebê a irromper da órbita simbiótica, suave e gradualmente. A esse processo, ela denomina "rompimento da casca".

O autismo e a simbiose normais são pré-requisitos para o estabelecimento do processo normal de separação-individuação, o qual tem início por volta do quarto ou quinto mês de idade, no auge da fase simbiótica.

Segundo Mahler, a maioria dos estudos realizados sobre o processo de separação mãe e filho têm enfatizado a experiência passiva de separação entre a criança e a mãe, indicando corretamente o efeito traumático de tal experiência. Para a autora, no entanto, o processo de separação mãe-criança é pré-requisito para a individuação normal, pois vai possibilitar à criança realizações em separado, na presença da mãe. Além disso, esse processo contrasta com as situações de separação traumática por ser um processo evolutivo e proporcionar à criança satisfação em atuar independentemente. A predominância do prazer vai permitir à criança dominar aquela quantidade de ansiedade de separação que parece adquirir a cada novo passo em direção à atuação individual.

Mahler(1979) descreve quatro subfases características do

processo de separação-individuação normal.

A primeira subfase é a "diferenciação", que começa com o rompimento da órbita simbiótica comum mãe-filho. Caracteriza-se pela diminuição da dependência corporal da mãe à medida que a maturação das funções parciais de locomoção, como engatinhar e trepar, possibilita suas primeiras tentativas de mover-se para longe da mãe, embora ainda necessitando de seu apoio.

O bebê, agora, também começa a olhar além de seu campo visual imediato e faz progressos na coordenação de mãos, boca e olhos; começa a manifestar prazer ativo no uso de todo seu corpo, mostra interesse pelos objetos, voltando-se ativamente para o mundo externo em busca de prazer e estímulo. Estas atividades emergem e se manifestam em íntima proximidade com a mãe e isto pode ser visto claramente, no fato de o bebê de até os dez meses preferir brincar aos pés da mãe.

Ao período de diferenciação segue-se, ou melhor, justapõe-se o período de "exploração" que pode iniciar-se a qualquer momento após os dez meses e prossegue até cerca dos quinze meses. A principal característica dessa subfase é o grande investimento narcisista da criança em suas próprias funções e em seu corpo. O bebê aumenta regularmente o desempenho de suas habilidades motoras e capacidades autônomas e, regozija-se com suas próprias capacidades, continuamente satisfeito com as descobertas no mundo em expansão, quase enamorado do mundo. Pode-se considerar que a causa dessa alegria seja, não somen-

te pelo desenvolvimento de suas funções do ego, como também pela satisfação do bebê por escapar de ser reabsorvido pela atração simbiótica, ainda existente, da mãe.

Com a maturação do aparelho locomotor, a criança começa a aventurar-se além dos pés de sua mãe, ficando, com frequência, tão absorvida em sua própria atividade que, por longos períodos, parece esquecida da presença materna. No entanto, volta periodicamente até a mãe, parecendo necessitar de "reabastecimento emocional", através do contato físico com a mesma.

Os adultos com quem está familiarizado são geralmente aceitos como substitutos da mãe, em ambientes com os quais esteja familiarizado.

A terceira subfase, a de "reaproximação", começa com a aquisição da livre locomoção em posição ereta, e vai dos quinze aos vinte e dois meses, mais ou menos. À medida em que vai dominando a locomoção, o bebê descobre sua capacidade de movimentar-se para longe da mãe, o que o leva a tomar cada vez mais consciência de sua separação física. Assim como compreendeu seu poder e capacidade física de afastar-se da mãe, o bebê agora parece ter desejo e necessidade de que sua mãe compartilhe toda nova habilidade e experiência que venha a adquirir, ocorrendo, então, uma conduta ativa de aproximação e preocupação com o paradeiro da mãe. Aquele primitivo tipo de contato de "reabastecimento", intermitentemente procurado pelo bebê, é agora substituído por uma busca constante de interação.

Pode ser observado um incremento na ansiedade de separa-

ção, que consiste em um temor de perda objetal que se manifesta quando o bebê se dá conta de sua separação da mãe.

Na fase de reaproximação, a renovada e ativa atitude sedutora do bebê e sua demanda pela participação constante da mãe, parecem, a esta, contraditórias; embora o bebê não seja agora tão desamparado e dependente como há alguns meses atrás, e parecer impaciente para sê-lo cada vez menos, espera ainda mais insistentemente que a mãe partilhe de cada aspecto de sua vida. Nessa subfase, algumas mães sentem-se incapazes de aceitar as demandas da criança, e outras, não podem tolerar a separação gradativa, não aceitando o fato de a criança estar cada vez mais independente e separada, deixando de ser parte da unidade dual.

Esta terceira fase demonstra com clareza, como este processo é constituído de duas partes complementares, a separação e a individuação. Enquanto a individuação processa-se, por um lado, muito rapidamente, a criança percebe cada vez mais sua separação da mãe e emprega todos os tipos de mecanismos para resistir e desfazer este desligamento.

Não importa quão insistentemente o bebê tente coagir sua mãe, ambos não mais atuam, efetivamente, como uma unidade dual. A comunicação verbal torna-se cada vez mais necessária e, a coerção por meio de gestos por parte do bebê ou, a empatia pré-verbal recíproca entre mãe e filho, não são mais suficientes. O bebê compreende que seus objetos de amor (os pais) são indivíduos separados, com seus próprios interesses, devendo re

nunciar, gradual e dolorosamente, à ilusão de onipotência simbiótica.

Mahler considera este momento de desenvolvimento como uma encruzilhada e que denominou "crise de reaproximação". Este conflito de reaproximação tem sua origem no dilema específico da espécie humana, originado do fato de ser a criança, por um lado, obrigada pela rápida maturação das funções do ego, à consolidação de sua individualidade e ao reconhecimento de sua separação e, por outro lado, ainda não conseguir manter-se sozinha, continuando a depender da mãe durante muitos anos.

Todo esse processo de separação leva a criança a um estágio fundamental em seu desenvolvimento, que é a quarta subfase, a da "consolidação da individualidade e o início da constância do objeto", que vai dos vinte e dois meses até os trinta ou trinta e seis meses.

Do ponto de vista do processo de separação-individuação, a quarta subfase tem uma dupla tarefa a cumprir: atingir uma individualidade definida e, em certos aspectos, por toda a vida, e obter um certo grau de constância objetal.

Nesta subfase ocorre o estabelecimento de representações mentais do eu, distintamente separadas das representações do objeto, abrindo o caminho para a constância do objeto.

Mahler(1979) afirma que o estabelecimento de uma constância do objeto afetivo depende da internalização gradual de uma imagem positiva e constante da mãe; a "mãe interna", imagem ou representação intrapsíquica da mãe, deveria se tornar dis-

ponível, fornecendo conforto à criança na ausência física da mãe. Porém, a constância de objeto implica em algo mais que a representação intrapsíquica do objeto de amor ausente; implica também a unificação do objeto "bom" e "mau" numa única representação total, promovendo, assim, a fusão das pulsões agressiva e libidinal, e moderando o ódio em relação ao objeto quando a agressão é intensa. Portanto, na subfase de constância objetal, o objeto de amor não será rejeitado ou trocado por outro, caso não possa mais proporcionar satisfação.

Esta quarta subfase do processo de separação-individuação não é uma subfase no mesmo sentido das três primeiras, por manter em aberto seu final; com o início da constância do objeto afetivo, assim como do estabelecimento de uma imagem do eu, tem início um processo contínuo de desenvolvimento.

Conforme foi visto, o crescimento impõe um gradual afastamento do estado normal de simbiose humana, de unidade com a mãe, processando-se muito mais lentamente na área emocional e psíquica do que na física. Este processo de afastamento constitui um processo de luto que dura toda a vida, pois traz inerente um temor, ainda que mínimo, de perda objetal. Não obstante, a predominância do prazer no funcionamento com independência é que permite à criança dominar aquela quantidade de ansiedade de separação imposta por cada novo passo em direção à atuação autônoma.

Concomitantemente ao processo de separação-individuação

do bebê, parece haver um processo semelhante de toda mãe em relação ao seu bebê. Mahler(1977) acredita que a passagem da situação de "bebê de colo" para a de "bebê que se locomove" marca, também, um passo evolutivo na maternidade, podendo mobilizar muitos conflitos na mãe.

Esta também precisa ajustar-se ao fato de ser a separação-individação inevitável, processando-se paralelamente à maturação e integração das funções autônomas do ego, como motilidade e linguagem.

A mãe normal antecipa a separação-individação de seu bebê, e esta antecipação é um dos determinantes de seu comportamento com o "bebê de colo", muito antes deste encontrar-se pronto para tanto. Parece haver uma ampla variedade de respostas, nas mães normais, ao lidar com a antecipada separação dos filhos. Em alguns casos podem apresentar reações muito aproximadas ao luto; em outros, ocorrem tentativas de precipitar ativamente o funcionamento independente da criança; e em outros, há alternações entre o apegar-se ao bebê ou libertar-se do mesmo.

Além disso, observou-se que cada criança possui determinado significado inconsciente para a mãe, de acordo com fantasia geral e específica representada para a mãe, por aquele bebê. A conduta da mãe em relação ao seu bebê é moldada por suas fantasias, mas modifica-se em função da maturação do filho, como também da sua adaptação ao papel de mãe.

3 - ASPECTOS DA RELAÇÃO MÃE-FILHA E A PSICOLOGIA FEMININA

O desempenho do papel de mãe sofre uma série de influências oriundas das vivências da primeira relação com a própria figura materna, relação esta que se caracterizou por ter como componentes duas pessoas do sexo feminino; muitos dos conflitos vivenciados nessa relação podem repercutir, posteriormente, quando de sua atuação como mãe, principalmente, os relacionados ao seu desenvolvimento psicosssexual. Portanto, torna-se importante conhecer o caminho que a menina deve percorrer para tornar-se mulher.

A partir da ótica freudiana, serão estudados os conceitos básicos do desenvolvimento da sexualidade feminina e os conflitos gerados na relação mãe-filha. Serão, também, abordadas as concepções teóricas de outros autores, com o objetivo de repensar algumas questões ligadas ao tema e analisar a influência das primeiras vivências da menina com sua figura materna em seu desempenho do papel de mãe.

Freud (1905), em seu texto "Tres Ensayos Para Una Teoria Sexual", assenta os alicerces básicos de sua concepção sobre a sexualidade humana, do ponto de vista psicanalítico, os quais desenvolve em obras posteriores. Neste texto, refere-se pela primeira vez à pulsão sexual como uma manifestação normal na infância, marcando uma diferença em relação à concepção vigente na época, acerca da sexualidade.

Laplanche e Pontalis (1970) afirmam que: "É sobretudo a e-

xistência de uma sexualidade infantil, que para Freud atua desde o princípio da vida, que vem alargar o campo daquilo a que os psicanalistas chamam sexual. Ao falarmos de sexualidade infantil, não pretendemos apenas reconhecer a existência de excitações ou de necessidades genitais precoces, mas ainda atividades aparentadas com as atividades perversas do adulto, na medida em que põem em jogo zonas corporais (zonas erógenas) que não são apenas as zonas genitais, e na medida em que buscam um prazer (sucção do polegar, por exemplo) independentemente do exercício de uma função biológica (nutrição, por exemplo). Neste sentido, os psicanalistas falam de sexualidade oral, anal, etc" (p.620)

A princípio, Freud estudou principalmente o desenvolvimento da sexualidade infantil no menino e, é só a partir de 1925, que passa a reconhecer a intensidade e extrema importância da ligação primitiva da menina com a mãe, afirmando que isto revolucionaria toda sua concepção de uma possível analogia entre o desenvolvimento edípico do menino e da menina.

Admite a existência de um período anterior ao Édipo, em que ocorre um acentuado apego da criança à mãe, que se mostra particularmente visível na menina, na medida em que o complexo de Édipo implicará numa mudança do objeto de amor. Freud (1931) afirma que: " También en la mujer la madre debe ser el primer objeto, pues las condiciones primarias de la elección objetal son iguales en todos los niños. Al final del desarrollo de la niña, empero, es preciso que el hombre-padre se haya convertido en el nuevo objeto amoroso, o sea, que la mujer debe cambiar el sexo del

objeto" (p. 3079). Surge então a questão de como se processa tal mudança, característica do desenvolvimento feminino.

Freud levantou a hipótese de um 'monismo sexual', que assume um papel determinante para a feminilidade, na medida em que o único órgão sexual que a criança reconhece em ambos os sexos é o masculino: o pênis, no menino e seu homólogo na menina, o clitóris. O órgão exclusivamente feminino, a vagina, é inexistente até a época da puberdade, sendo o clitóris o responsável pelas sensações sexuais da menina.

Até esse período, portanto, não há uma diferença real entre os dois sexos; o desenvolvimento feminino atravessa, assim, duas fases: uma de caráter masculino e outra que é especificamente feminina. A maturação sexual feminina vai ocorrer com uma troca de zona erógena, ou seja, do clitóris pela vagina.

É na fase fálica que a diferença entre os sexos encontra expressão psicológica pela primeira vez, caracterizando o que Freud denominou complexo de Édipo, alinhando-o ao complexo de castração e à inveja do pênis.

O menino, ao perceber que a menina não possui o pênis, interpreta essa ausência como uma castração, temendo que o mesmo lhe aconteça. Acredita por um longo tempo que sua mãe, assim como todas as mulheres, são portadoras de pênis. Só posteriormente assimila a idéia de que nenhuma mulher possui pênis, o que o leva a um sentimento de menosprezo por elas.

Quanto à menina, ao se dar conta de sua falta de pênis, acredita que foi castrada e passa a desejá-lo, sendo tomada de um sentimento de inveja que terá consequências diretas em seu desenvolvimento futuro em direção à feminilidade. A princípio, supõe tratar-se de um infortúnio pessoal e só, gradativamente, compreende a universalidade desta característica em seu sexo, levando-a a um sentimento de inferioridade e ressentimento por sua feminilidade. A menina culpa a mãe, seu primeiro objeto amoroso, de sua inferioridade genital, rechaçando-a e voltando-se para o pai.

Laplanche e Pontalis (1970) afirmam: "O desejo com que a filha se volta para o pai é indubitavelmente, na sua origem, o desejo do pênis que a mãe lhe recusou e que ela espera agora obter do pai. Todavia, a situação feminina só se estabelece quando o desejo do pênis é substituído pelo desejo do filho" (p. 328).

Assim, o complexo de castração situa-se diferentemente em cada sexo: para a menina, constitui o momento de entrada no complexo de Édipo e no menino, marca seu declínio. Nesse momento, o menino identifica-se com a autoridade do pai, estruturando, assim, um superego, o qual torna-se o herdeiro do complexo de Édipo. Quanto à menina, na medida em que se dá conta de que o pai não pode satisfazer seus desejos, desilude-se com ele.

Freud (1933) afirma que o Édipo feminino desaparece muito lentamente, podendo persistir ao longo da vida psíquica, u

ma vez que não há o medo da castração; esta já é um fato consumado, conforme ele cita: " Con la desaparicion del miedo a la castración se desvanece el motivo principal que habia impulsado al niño a superar el complejo de Édipo. La niña permanece en él indefinidamente, y solo más tarde e incompletamente lo supera. En estas circunstancias, la formacion del super-yo tiene forzosamente que padecer; no puede alcanzar la robustez y la independencia que le confieren su valor cultural"(p.3174)

Para Freud, o desenvolvimento da castração impulsiona o desenvolvimento da sexualidade feminina em três caminhos: um conduz à inibição sexual ou à neurose, outro à transformação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade e o último, à feminilidade normal.

O autor considera que a entrada da menina em seu destino de mulher é caracterizado por uma hostilidade contra a mãe; a menina recrimina a mãe por não ter-lhe dado um órgão genital completo, ou seja, por tê-la trazido ao mundo como mulher. É uma entrada marcada pela inveja do pênis que, por sua vez, deve ser recalçada ou transformada.

Para Freud(1925) este processo psicológico seria independente do ambiente social ou cultural. Passada a primeira desilusão, a menina chega, só gradativamente e através de muitos conflitos, a reconciliar-se com seu próprio sexo,mas geralmente, subsiste durante toda sua vida certo ressentimento por sua feminilidade, ocorrendo uma propensão feminina a sofrer de sentimento de inferioridade.

Outros autores, que também se dedicaram ao estudo da psicologia feminina, apresentam pontos de vista que divergem, de algum modo, do enfoque de Freud.

Para Klein (1975), a mulher não seria psicologicamente um homem castrado, tal como colocara Freud, mas já havia nascido fêmea, sentindo-se e comportando-se como tal. Tanto o menino como a menina reagem, praticamente desde o início da vida, de acordo com seu sexo e sua biologia, experimentando, precocemente, sensações correspondentes à sua organização genital, isto é, o menino experimentaria tendências de penetração localizadas no pênis e a menina, desejos receptivos na vagina.

A autora observa que pelo fato das crianças pequenas relacionarem-se com a mãe e o mundo exterior, principalmente através da boca, todas suas idéias se expressam através do plano oral. Acreditam que a mãe alimenta o pai com seus seios e que ele, por sua vez, a alimenta com seu pênis; deste modo, identificam o pênis com um órgão parecido com o seio, porém é mais generoso porque, além de dar alimentos à mãe, também lhe dá filhos.

No que concerne ao desenvolvimento da menina, afirma que ela experimentará frustrações orais nesta etapa, causadas por sua mãe, por acreditar que esta lhe dá pouco, preferindo alimentar seu pai, desenvolvendo, assim, sentimentos de ódio e inveja em relação à mãe. Klein(1975) afirma que: " Essa teoria sexual incrementa o ódio insuflado pela frustração materna e contribui para a produção de fantasias sádicas em que ela lhe dá filhos."

ca e destrói o interior da mãe, privando-a de seu conteúdo. Devido ao medo de represálias que suscitam, essas fantasias formam a base da mais profunda situação de angústia da menina" (p. 260). Para a autora, o temor de ter o interior de seu corpo destruído pela mãe, seria o temor básico feminino, ou seja, o temor da destruição de seus órgãos genitais. Além disso, pelo fato da menina não poder comprovar a integridade de seus genitais e ver a conquista da maternidade como algo distante, estaria mais exposta à angústia que os meninos.

Por isso, para a mulher, o nascimento de um filho é como um desmentido dos temores gerados pelas suas fantasias sádicas de menina; não significa apenas que o interior de seu corpo e seus bebês imaginários se encontram ilesos, mas, também, vem demonstrar que os bebês no interior de sua genitora (seus irmãos e irmãs) e o pênis do pai (ou o pai), que foram vítimas de seus ataques imaginários, assim como sua própria mãe, estão ilesos. Ter um filho representa, pois, restaurar um bom número de objetos e, em alguns casos, a recriação de um mundo inteiro.

Ao cuidar do bebê e lhe ministrar afeto, a mulher, além de realizar seus desejos mais primitivos, também compartilha dos prazeres que proporciona a ele, uma vez que se identifica com o filho. Invertendo, assim, o relacionamento da mãe e filho, ela pode renovar e reparar suas ligações iniciais com a própria mãe.

Klein salienta que a atitude da mãe em relação aos seus

objetos introjetados, durante as primeiras relações objetais, é o que determina sua atitude para com o filho. Se em seu relacionamento afetivo com a mãe, ela tiver internalizado uma 'boa' imago materna, são os elementos positivos desta relação que ela transferirá para o filho, sendo esta também a base de um desenvolvimento sexual satisfatório".(p. 308).

Deutsch (1953) dedicou seu interesse principal à investigação da psicologia feminina. Diverge de Freud quanto à inveja do pênis, considerando que ela é importante, embora não seja fundamental no desenvolvimento feminino. Admite que a menina comprova que o clitóris é insuficiente como órgão executivo de suas tendências eróticas, no entanto, sua reação não é necessariamente de inveja, podendo converter seus desejos ativo-agressivos em passivo-masochistas ou, conforme cita a autora: "desenvolve uma atividade para o interior, o que afasta a idéia de carência e imobilidade que a expressão 'passividade feminina' poderia supor" (p. 168 - V.I).

O órgão correspondente a estas tendências passivo-masochistas é a vagina, mas por desconhecê-la, não percebe quase nenhuma excitação vaginal até a puberdade. Após as primeiras relações sexuais, esta passa a ter um caráter erógeno. Seu investimento libidinal passa, então, do clitóris para a vagina, através da penetração. Nesse momento, o clitóris delega ao pênis seu papel ativo e a vagina, assume seu papel passivo. O tornar-se mulher está associado ao abandono da primazia genital do clitóris, substituído pela vagina.

Deutsch considera que a atividade orgástica da vagina seria equivalente a ter um pênis e, a identificação funcional da vagina ao pênis permitiria a superação do complexo de castração.

A autora afirma que a relação mais antiga e duradoura, a que se estabelece primeiramente entre a mãe e a criança, tem um papel fundamental na formação de todo ser humano. Observa que a mãe tem dificuldade em permitir a ruptura da unidade mãe-filho, principalmente, no que se refere à filha mulher, uma vez que nesta relação está presente a identificação sexual. É na época da puberdade, quando se forma na filha um protesto contra sua dependência infantil, que se pode perceber, através da reação da mãe, os sentimentos que manifesta frente à separação da filha. Geralmente, a mãe sente-se abandonada e, temendo as consequências da independência da filha, adota atitudes de sedução ou autoridade.

Ao mesmo tempo, a lembrança de sua própria experiência de puberdade constitui um fator que influenciará sua relação com a filha púbere, podendo levar a filha à repetição de seu próprio destino; Deutsch observa que nesta relação, a mãe tende a repetir sua própria história com sua mãe.

Langer (1978) afirma que os conflitos e as experiências de frustração que a mulher vivenciou na infância, com sua mãe, podem fixá-la a uma atitude imatura e inadequada quanto ao papel de mãe; ela vai repetir frente ao filho o que sofreu quando menina por parte de sua própria mãe, revelando com isso, u

ma identificação com a figura materna. Comenta sobre mães que recusam e rejeitam os filhos, muitas vezes antes até que estes nasçam, explicando que estas mães simplesmente repetem, sem se darem conta, o que sofreram por parte de sua mãe. A autora, em seus estudos sobre transtornos de fecundação e disfunções sexuais, observou que entre as diversas causas, há aquela que provém de conflitos precoces entre mãe e filha.

Sharpe (1973) concorda que a atitude da mãe para com o filho é profundamente influenciada por suas reações inconscientes em relação à própria mãe. Afirma que: "As emoções da mãe contêm seu próprio passado e, se existem nela raivas e ressentimentos contra a própria mãe, ainda não resolvidos, isto vai repercutir em sua atitude com seu filho" (p. 15).

Uma das formas pela qual esse passado pode exercer influência sobre o filho seria o daquela mulher que produziu formações reativas, ou reprimiu sua hostilidade inconsciente para com a mãe, não suportando manifestações de raiva na criança e atuando com severidade a toda reação de agressividade infantil. É como se ela temesse, não tanto a agressividade da criança, mas a sua própria manifestação infantil de raiva contra sua própria mãe. Outras, podem desenvolver uma atitude de super solícitude, preocupando-se com cada minuto da vida da criança; esta atitude encobre o medo de sua hostilidade inconsciente e, por conseguinte, surge a necessidade de manter-se alerta para proteger a criança.

Para Sharpe, há um modelo implícito proveniente da atitude

de da mãe, o qual vai repetir-se na filha, independente da sua vontade.

Barros(1977) analisa a influência da figura materna que a mãe teve, na atuação e no relacionamento desta com o filho. A imagem materna que influencia a atuação da mãe junto ao filho, denomina 'modelo de figura materna'.

A autora observa que: " A influência de tal modelo permanece mesmo depois que a filha cresce; é uma imagem que continua dentro dela e, muitas vezes, envolvendo sentimentos contraditórios. É comum encontrarem-se mães que, porque tiveram uma mãe do tipo que era de seu desagrado, resolvem assumir seu papel de mãe com atitudes extremamente opostas às de sua figura materna. Verifica-se que tal comportamento está longe de corresponder a uma independência da mãe e, pelo contrário, corresponde a laços tão estreitos que só conseguem agir se for de maneira exatamente oposta à da mãe. Esta escolha de atitude implica, não numa opção amadurecida, mas sim, numa represália a um modo contra o qual ela se rebelava" (p. 47).

Barros ressalta a importância da comunicação inconsciente que se estabelece entre mãe e filho. Muitas vezes, uma reação da criança pode ser compreendida como uma resposta inconsciente ao desejo também inconsciente da mãe, para que a criança atue de determinada maneira, embora nem a mãe e nem o filho estejam conscientes desta motivação.

O desejo do qual se fala acima é transmitido à criança por algumas indicações na maneira de proceder da mãe, e as cri

anças demonstram ter grande sensibilidade para percebê-lo. Esta sensibilidade é no sentido do filho perceber, através de uma comunicação pré-verbal, mudanças na expressão facial ou no tom de voz da mãe.

Assim, conforme Barros: "Os aspectos mal elaborados, não aceitos e conflitantes na infância da mãe, relacionados não exclusivamente, mas sobretudo, ao seu relacionamento com a figura materna podem ser transmitidos de forma inconsciente à criança, o que não implica que a criança apresente as mesmas dificuldades que a mãe, mas sim, que aquilo que a criança percebe como uma indicação por parte da mãe, pode juntar-se às suas próprias dificuldades e transformar-se num sintoma ou num comportamento que pode ser igual ou diverso daquele apresentado por sua mãe na infância. Quase sempre o comportamento da criança tende a corresponder aos desejos internos da mãe" (p.55).

Neste sentido, a ligação que a mãe estabelece com seu filho sofre influência de suas vivências infantis com a própria figura materna; é como se ela repetisse na relação com o filho, o modelo de relação que teve na infância.

4 - CONFLUÊNCIA DOS PAPÉIS DE MÃE, FILHA E MULHER

Para maior compreensão dos conflitos por que passa a mulher moderna, torna-se necessário analisar a influência que as mudanças sociais e econômicas, ocorridas nas últimas décadas, exerceram sobre ela. A partir de uma breve evolução histórica das mudanças do papel da mulher, como também, através das contribuições da Antropologia e da Filosofia Existencial, visa-se alcançar um entendimento, não apenas sobre o papel da mulher, mas da complexidade inerente da superposição desse papel com os papéis de filha e de mãe.

Langer (1978) faz uma análise do processo de mudança da posição atual da mulher, no qual intervieram muitos fatores em interação. Afirma que em nossa sociedade ocidental, a mulher esteve durante muitos séculos subjugada ao homem. Foi a Revolução francesa, com seu lema de igualdade que, pela primeira vez, pôs em dúvida que esta subordinação fosse natural e inalterável. Observou-se uma modificação imediata apenas na classe social mais baixa; tanto na família do trabalhador rural como na do artesão, mulher e filhos passaram a compartilhar do trabalho do homem. A mulher inseriu-se no processo de produção caseira, alternando com este trabalho, a atenção à família e a educação dos filhos.

Através da revolução industrial, com os descobrimentos técnicos e a transformação do trabalho, o homem abandonou a indústria caseira e a mulher, o seguiu de imediato, não impulsio

nada pela rivalidade com ele, mas por pura necessidade. E até as crianças se empregaram para que a família pudesse subsistir. Com o surgimento de legislações trabalhistas, os menores foram demitidos da fábrica. Enquanto anteriormente os filhos, desde cedo, auxiliavam na manutenção do lar, agora transformavam-se em um peso para a mulher que, voltando cansada do trabalho, tinha que dedicar suas poucas horas à atenção das crianças e da casa.

No campo, as mudanças da mulher ocorreram muito mais tardiamente e de duas maneiras: primeiro, a migração da povoação camponesa aos grandes centros urbanos, o que ainda acontece, trouxe para o grupo familiar o problema do desenraizamento, das favelas, da prostituição, dos filhos ilegítimos e outros. E em segundo lugar, também o trabalho rural começa a se industrializar, aproximando a situação da família do camponês à da família do operário.

Foi somente no início deste século que começaram a surgir mudanças, também, na mulher das classes média e alta. Com a Primeira Guerra Mundial, as mulheres dos diversos países em beligerância, que tinham como único campo de ação o lar e seu núcleo social, e cuja única função era ter filhos e educá-los, vivendo em dependência socioeconômica, primeiramente dos pais e depois dos maridos, viram-se desafiadas a ocupar em todos os campos, o lugar do homem.

Realizaram exitosamente tarefas que, até então, consideravam-se irrealizáveis por elas, obtendo junto com sua inclu-

são no processo de trabalho, plena independência e responsabilidade. Uma vez terminada a guerra, a mudança tornara-se irreversível. Quando os homens retornaram, encontraram-se com uma mulher independente economicamente e consciente de seus valores.

As conquistas da mulher começaram a derrubar o preconceito de sua inferioridade intelectual e emotiva. Ela tinha demonstrado, e continuaria demonstrando ainda mais durante os anos seguintes, que podia competir com o homem.

Com os progressos da medicina, foram postos à disposição da mulher métodos anticoncepcionais eficazes e até o aborto passou a ser realizável com menores riscos. Ao não implicar consequências biológicas para ela, o ato sexual pode converter-se em fonte de prazer.

Estas mudanças trouxeram como consequência toda uma confusão de conceitos, uma vez que o antigo preconceito de inferioridade da mulher já não se mostrava socialmente aceitável; este preconceito propiciava a estabilidade da sociedade, delimitando o campo de ação de ambos os sexos ao definir o papel atribuído a cada um.

Antigamente, a mulher sabia que a finalidade de sua vida era casar-se e ter filhos. Atualmente, o ideal de maternidade foi substituído por múltiplos ideais, diferentes em cada camada social e, frequentemente, em rivalidade com a maternidade, devido aos fatores socioeconômicos - como o trabalho feminino, crise de habitação e elevado custo da educação de uma

criança - que impõem restrições à satisfação pelo nascimento de um filho.

Langer(1978) afirma que: "A mulher atual deverá saber integrar sua realização profissional com sua vida amorosa e de mãe, sendo que, esta integração amiúde não será fácil de se conseguir" (p. 28).

As investigações antropológicas de sociedades primitivas trazem uma contribuição para maior compreensão dos conflitos porque passa a mulher moderna frente aos papéis que desempenha, permitindo definir o que é característica intrínseca da mulher e o que pertence a variáveis culturais.

Mead (1969), num enfoque antropológico, preocupa-se em estudar as diferenças psicosexuais entre culturas diferentes da nossa sociedade ocidental. Observa que as características psicológicas que nossa sociedade associa à masculinidade e à feminilidade existem independentemente do sexo, em sociedades primitivas, o que a leva a afirmar que: "Qualquer discussão acerca da posição da mulher, do seu caráter e do temperamento, da sua escravização ou emancipação, obscurece a questão básica; o reconhecimento de que a trama cultural por trás das relações humanas é o modo como os papéis dos dois sexos são concebidos" (p. 23).

A autora descreve os Arapesh, povo primitivo da Nova Guiné, como um povo pobre, humilde, trabalhador. Para eles não existem diferenças temperamentais ou intelectuais entre homem e

mulher; ambos apresentam um caráter passivo, não-agressivo e cooperativo. O filho é esperado com carinho maternal por ambos os pais, sendo que, o marido tenta compartilhar com a mulher, no possível, sua capacidade de procriação. Vivem em uma sociedade patriarcal que ainda conserva alguns traços de organização matriarcal; o homem fundamenta sua autoridade assumindo um papel maternal frente à esposa e filhos.

Uma situação totalmente diferente é observada entre os Mundugumor, povo selvagem e arrogante que era, até uns poucos anos atrás, canibal e caçador de cabeças. Ali tampouco reconhecem distinção psicológica entre os dois sexos; tanto o homem como a mulher demonstram coragem, agressividade e rejeição violenta das crianças. A cultura desse povo enfatiza as hostilidades nas relações entre pais e filhos e, frequentemente, os filhos recém-nascidos do sexo masculino são mortos porque ao pai não interessa criar e educar futuros rivais. Em geral, a gravidez como a educação dos filhos são consideradas um incômodo, sendo mais indesejada pela mãe que pelo pai. A mãe restringe a lactância a um mínimo para não se ver restringida em sua liberdade sexual.

Na terceira tribo observada por Mead, os Tchambuli, depa-rou-se com uma sociedade onde a mulher é o parceiro dirigente, dominador e o homem, a pessoa menos responsável e emocionalmente dependente. Enquanto os homens dedicam-se a atividades artísticas, como a confecção de ornamentos, estudo de danças cerimoniais e representações teatrais, as mulheres fazem todo

o trabalho que forma a base econômica da sociedade. Elas escolhem os maridos, não se arrumam, raspam a cabeça e os homens cuidam de seu físico e de seus complicados penteados com dedicação. Apesar de terem uma estrutura patrilinear, são as mulheres que detêm a verdadeira posição de poder na sociedade dos Tchambuli.

A partir da observação dos padrões de comportamento sexual destas sociedades, Mead constata a evidência de um condicionamento cultural, concluindo que: " Se aquelas atitudes temperamentais que tradicionalmente reputamos femininas - tais como passividade, suscetibilidade e disposição de acalentar crianças - podem tão facilmente ser erigidas como padrão masculino numa tribo e, na outra, ser prescrita para a maioria das mulheres assim como a maioria dos homens, não nos resta mais a menor base para considerar tais aspectos de comportamento como ligados ao sexo" (p. 43).

Para Belotti (1975), a cultura a qual pertencemos, como qualquer outra cultura, serve-se de todos os meios à sua disposição para obter dos indivíduos dos dois sexos o comportamento mais de acordo com os valores que lhe interessa conservar e transmitir. Afirma que: " Apesar dos fatores biológicos, a identificação sexual de uma criança seria, principalmente, produto dos condicionamentos sociais e culturais a que é submetida desde o nascimento, e que a vai inserir nos esquemas masculino/feminino vigentes" (p. 8).

Dentro de uma visão basicamente social, encontra-se o le

vantamento realizado pelo Grupo Ceres (1981), a partir de depoimentos prestados por mulheres de várias faixas etárias e diferentes níveis socioeconômicos, no qual as autoras discutem a representação que a mulher tem da sexualidade, procurando identificar, atrás das aparências, o fio condutor traçado pelo modelo cultural.

A discussão sobre a sexualidade vai-se apoiar na mais ampla abrangência desse conceito, partindo de processos que incluem o fato biológico da diferença anatômica, o aspecto fisiológico do funcionamento do aparelho genital, a posição psicológica que se traduz por manifestações do inconsciente e o desempenho de papéis sexuais socialmente definidos - todas estas dimensões atualizadas no discurso da cultura.

O marco de referência para esse estudo são os momentos biologicamente marcantes do ciclo vital da mulher, tais como a infância, a menarca, o defloramento, a maternidade e a menopausa. As autoras ressaltam que a inclusão de relações sexuais e maternidade como ciclos de vida de uma mulher visa demonstrar como a possibilidade destas vivências completa o quadro do que é chamado 'natureza feminina'.

Para as autoras: " O discurso de nossa cultura ocidental é o discurso de uma sociedade patriarcal, onde a mulher ocupa a posição de objeto, e sua fala é a fala do oprimido. A mulher adota o discurso masculino e, através dele, passa a se descrever, se avaliar; o papel que a mulher se atribui é o de espectadora, coadjuvante no cenário da vida" (p. 314).

Com isso, ocorre predominância de desinformação e o desconhecimento da grande maioria das mulheres em relação aos seus diferentes ciclos de vida, ao próprio corpo e a própria sexualidade. No entanto, observa-se que a mulher está passando por um processo de mudança consigo mesma, com o outro e com o mundo, que configura-se numa tentativa de construir uma nova identidade. As autoras denominam a este processo de 'resgate', que implica no rompimento com o discurso imposto.

Beauvoir (1980) aborda a questão feminina dentro de um enfoque existencial, afirmando que: "Ninguém nasce mulher; torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico, define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino" (p. 9 - V.2).

A princípio, o mundo apresenta-se ao recém-nascido sob a forma de sensações imanentes. Acha-se envolto no todo do mundo e só pouco a pouco começa a perceber o contorno que o separa dos objetos. Enquanto vivencia seus primeiros anos de vida, existindo para si, a criança não se percebe diferenciada sexualmente. Ambos os sexos experimentam as mesmas sensações através do corpo, que se constitui em instrumento por meio do qual apreenderá o mundo; o corpo total e não apenas seu sexo.

É só após os três ou quatro anos que começam a ser configuradas as diferenças entre os sexos, onde os pais participam como agentes dos preceitos da sociedade. No menino, é incutido

o ideal masculino, ele não pode chorar, nem ter caprichos, nem tampouco permanecer ligado à mãe, procurando-se de todo modo ofuscar sua sensibilidade. Mas essas exigências a que o submetem implicam diretamente numa valorização como forma compensatória de tudo que lhe foi negado. É persuadido de que é por causa de sua superioridade que se exige mais dele, incitando-lhe o orgulho da virilidade.

Beauvoir afirma: "Essa noção abstrata reveste para ele um aspecto concreto: encarna-se no pênis; não é espontaneamente que sente orgulho se seu pequeno sexo indolente, sente-o através da atitude dos que o cercam" (p. 13).

A situação da menina, por outro lado, encontra-se bem diferenciada no que concerne à demanda que os pais e a sociedade, de uma maneira geral, têm para com ela. É para ser dócil, sensível e submissa que a menina veio ao mundo. Com respeito a seus órgãos genitais, o caráter secreto destes não chama a atenção, nem são valorizados; de certo modo, ela não tem sexo. A menina, porém, não sente esta ausência como uma falha, ela vivencia seu corpo de forma plena, mas por estar situada no mundo de modo diferente do menino, uma série de fatores poderá transformar para ela essa diferença em inferioridade.

A autora não aceita o argumento psicanalítico do complexo de castração; para ela, a menina descobre a anatomia masculina, aceitando pacificamente as diferenças entre os sexos. A princípio, a menina não se sente punida ou castrada pela ausência do pênis, mas o sentimento de frustração só surgirá ,

quando ela se achar descontente com sua situação. Atribuirá a sua insatisfação à ausência do pênis, quando, por exemplo, não for capaz de satisfazer seus desejos de masturbação, de exibição, ou quando sentir-se menos querida, menos amada do que os seus irmãos.

A mulher, desde o início, busca uma solução para o conflito entre sua existência autônoma e seu 'ser outro'. Ensina-lhe que para agradar, é preciso sair de si e, desta forma, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia. Percebe que é preciso agradar ao homem, pois, o universo, em seu conjunto, é masculino e ela entende que é dependente, que é inferior, percebendo-se como passiva. Para Beauvoir, a 'passividade' que caracterizará essencialmente a mulher é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos, mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico; na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. Diante da autoridade masculina, renuncia a criticar, a examinar, a julgar por conta própria e, tudo isso a faz limitar-se aos interesses do seu eu e reduzir seu espaço existencial.

No que se refere à maternidade, Beauvoir contesta a afirmação desta ser a vocação natural da mulher, uma vez que todo seu organismo se acha voltado para a perpetuação da espécie; considera que sob esse pseudonaturalismo esconde-se uma moral social e artificial, e que a afirmação de que o filho é o fim supremo da mulher tem exatamente o valor de um 'slogan' publi

citário. Segundo a autora, a natureza não pode ditar uma escolha que implica num compromisso; para que a maternidade seja uma função através da qual a mulher possa realizar-se totalmente, é necessário que esta seja livremente assumida e sinceramente desejada.

Beauvoir afirma: " A mulher, atualmente, reclama o direito de participar do movimento pelo qual a humanidade tenta justificar-se, em se superando; ela só pode consentir em dar a vida se a vida tem um sentido; não poderia ser mãe sem tentar desempenhar um papel na vida econômica, política e social. É a mulher de vida pessoal mais rica, que é quem adquire no esforço e na luta o conhecimento dos verdadeiros valores humanos , será a melhor educadora" (p. 292 - V.2).

Finalmente, a autora observa que a relação da mãe com os filhos define-se no seio da forma global que é a sua vida; depende de suas relações com o marido. com o passado, com suas ocupações e consigo mesma. Por isso, afirma que " as vivências infantis no relacionamento com os pais, as relações conjugais, a vida pessoal e a maternidade formam um conjunto em que todos os momentos se determinam" (p. 293 - V.2).

Pode-se observar que a maternidade vai acarretar uma nova definição de papéis; a pessoa que até então teria atuado nos papéis de filha e mulher, precisa ajustar-se à realidade de ser mãe daquela criança. Ocorre, então, a confluência dos papéis de filha-mãe-mulher , onde se destaca a importância da

primeira relação estabelecida com a própria figura materna.

É nesta primeira relação mãe-filha que é introjetada uma imagem materna que servirá de modelo de relação posterior, para seu desempenho do papel de mãe. Ao mesmo tempo, observa-se que a atitude da figura materna, frente ao seu papel de mulher e, conseqüentemente, o comportamento desta, é um dos fatores principais no que concerne à identificação feminina da filha. A menina apreende, através desta relação, não só as atividades ligadas ao papel feminino, mas também, os valores - positivos ou negativos - atribuídos a este papel, pela mãe. Deste modo, a figura materna exerce uma influência direta sobre a representação que a filha faz a respeito de si mesma, como mulher.

"Muito do que envolve a relação mãe-filha é o silêncio, o não falar espontaneamente, principalmente, sobre questões sexuais e esta situação se reforça de modo circular, na medida em que também a filha encontra dificuldade para falar sobre essas questões e de aceitar a sexualidade da mãe. Esta dificuldade reflete-se, muitas vezes, na relação que terá com os próprios filhos, com o companheiro e frente à própria feminilidade. O ocultamento, o silêncio sobre a sexualidade, não é um vazio; é um silêncio que transmite um modelo do 'ser mulher' onde o desconhecer é uma conduta considerada adequada à condição feminina " (Grupo Ceres, 1981 - p.329).

Cada um dos papéis exerce uma influência sobre os demais, havendo, portanto, uma superposição e reciprocidade entre eles.

Com isso, torna-se fundamental ressaltar a importância do processo separação-individuação (Mahler, 1975), no sentido em que a filha consiga separar o que a ela pertence em termos de sentimentos e expectativas do que pertencia à sua figura materna, alcançando um modo de atuação autônomo do papel de mãe e de mulher.

5 - A INVESTIGAÇÃO DE CAMPO

5.1- METODOLOGIA

Foi realizada uma investigação de campo junto a mães, com o objetivo de colher dados que possibilitassem a análise da problemática da introjeção do modelo de relação materna, usando-se a metodologia de estudo descritivo de casos.

O grupo foi composto por 20 mães de diversos níveis socioeconômicos, provenientes de famílias estruturadas, de idade compreendida entre 25 e 39 anos, com filhos de idade até 16 anos e residentes no município do Rio de Janeiro.

Os critérios para classificação do nível socioeconômico foram de renda salarial familiar, condições de moradia e nível de escolaridade, distribuindo-se da seguinte maneira:

- Nível Socioeconômico Baixo - Renda salarial familiar de até 2 salários mínimos, condições de moradia simples e nível de escolaridade primário. Foram encontradas 8 famílias correspondentes ao nível socioeconômico baixo.
- Nível Socioeconômico Médio-Baixo - Renda salarial familiar de 2 a 4 salários mínimos, condições de moradia simples e nível de escolaridade primário ou secundário, tendo sido encontradas 2 famílias.

- Nível Socioeconômico Médio - Renda salarial familiar de 5 a 15 salários mínimos, boas condições de moradia e nível de escolaridade secundário ou superior. Foram localizadas 7 famílias classificadas dentro deste nível socioeconômico.
- Nível Socioeconômico Médio-Alto - Renda salarial familiar de 16 a 30 salários mínimos, boas condições de moradia e nível de escolaridade superior, tendo sido encontradas 3 famílias.

Em função do nível de escolaridade das 20 mães entrevistadas, a metade tinha nível universitário, apresentando as seguintes profissões: dona de casa(1), fisioterapeuta(1), fonoaudióloga(1), pedagoga(2), professora primária(4) e psicóloga(1).

Das demais, uma tinha nível secundário sendo dona de casa, e nove mães tinham nível primário tendo as seguintes profissões: dona de casa(2), faxineira(3), manicure(2) e vendedora(2).

No presente estudo, a procedência das mães foi a seguinte: mães que procuravam uma instituição (*) em busca de ajuda para os problemas psicológicos familiares e mães contactadas individualmente que, no momen-

(*) As instituições onde a pesquisa realizou-se foram:

COJ - Centro de Orientação Juvenil do Inst. Fernandes Figueira

EAV - Equipe de Avaliação do Inst. Helena Antipoff- 4º E/DEC

to, não buscavam atendimento psicológico, tendo sido todas selecionadas ao acaso.

Para efeito de análise dos casos, o grupo foi considerado como um todo, tendo sido registrada a fonte de procedência como um critério suplementar. Neste caso, foram considerados os seguintes grupos, cada um composto por dez sujeitos:

GRUPO I - mães procedentes de uma instituição de atendimento psicológico.

GRUPO II - mães contactadas particularmente.

Os sujeitos do grupo I foram nomeados da seguinte forma: A, B, C, D, E, F, G, H, I e J; e os do grupo II foram nomeados como: L, M, N, O, P, Q, R, S, T e U.

Todos os sujeitos do grupo I encontravam-se aguardando a chamada para o início do atendimento.

5.1.1- CARACTERIZAÇÃO DO INSTRUMENTAL DE AVALIAÇÃO

A coleta de dados foi efetuada através dos seguintes instrumentos: a entrevista psicológica e o Teste de Apercepção Temática de Henry Murray.

5.1.1.1- A ENTREVISTA PSICOLÓGICA

Foram utilizadas duas entrevistas: a primeira de co-

leta de dados sobre aspectos ligados à problemática investigada, tendo sido elaborado um roteiro prévio (ANEXO I), e a segunda, uma entrevista de devolução de informações.

A entrevista de coleta de dados teve como objetivo analisar a relação estabelecida pelo sujeito com a sua figura materna na infância, na adolescência e atualmente, verificando-se a existência de possíveis influências com o tipo de relacionamento que estabelece com os próprios filhos, bem como, a repercussão dessa relação em seu posicionamento frente ao papel feminino.

Para isso, esta entrevista foi analisada em função dos seguintes tópicos:

- Modelo de relação materna
- Presença ou ausência de carência afetiva
- Relacionamento aberto ou fechado
- Ligação de dependência ou independência
- Conflito com a maternidade
- Conflito com a feminilidade
- Conflito no relacionamento conjugal
- Formas de conciliação do papel de mãe e de mulher

Denominou-se modelo de relação materna à imagem de figura materna que é introjetada pela menina através

da relação com sua figura materna, que repercutirá no seu posterior relacionamento com os próprios filhos. (Sharpe, 1969; Barros, 1977).

Considerando-se os dados obtidos nas entrevistas, bem como, remetendo à contribuição já citada por Spitz (1979), convencionou-se a utilização das seguintes categorias de modelos de relação materna:

- Modelo Facilitador
- Modelo Restritivo
- Modelo Omissivo

O modelo facilitador refere-se a uma figura materna que, em seu relacionamento com os filhos, mantém uma atitude de cooperação, estimulação de suas potencialidades, afetividade, disciplina, respeito da individualidade e transmitindo segurança, exercendo o que Spitz denominou de influência facilitadora.

O modelo restritivo implica, por parte da figura materna, num relacionamento com base em atitudes de dominação, controle, relacionamento fechado, não aceitação da individualidade, levando a um sentimento de rejeição, castigação e insegurança. Segundo Spitz, a influência restritiva, que pertence ao setor de controles, mostra uma relação com as solicitações do superego materno e, as ações da criança que forem desaprovadas por sua mãe, ten-

derão a ser restringidas.

No modelo omissivo, a figura materna mostra-se in-diferente às solicitações dos filhos, mantendo uma atitude de distanciamento afetivo que gera sentimento de rejeição, insegurança e dificuldade de ligação afetiva.

Por carência afetiva, designou-se ao estado de "Privação Materna" descrito por Bowlby (1976) sobre situações em que ocorre uma insuficiência de interação entre mãe e filho, apesar de viverem no mesmo ambiente, levando a criança a uma carência de sentimentos como reconhecimento, afeto e segurança.

A partir dos estudos de Spitz (1979) sobre a gênese das relações objetais, onde descreve a característica de reciprocidade existente entre mãe e filho, denominou-se relacionamento aberto e relacionamento fechado à forma de comunicação que é estabelecida entre os componentes da díade, podendo ou não, respectivamente, estimular uma interrelação onde haja um diálogo franco e espontâneo.

Baseando-se no processo separação-individuação descrito por Mahler (1975), os tópicos de ligação de dependência e ligação de independência referiram-se à capacidade do in-

divíduo em separar-se emocionalmente de sua figura materna e alcançar uma autonomia e individualidade.

O conflito com a maternidade relacionou-se a dificuldades apresentadas frente ao desempenho do papel de mãe, evidenciadas em termos de tensões no relacionamento com os filhos e transtornos da procriação.

O conflito com a feminilidade, relacionado a dificuldades frente ao papel de mulher, expressou-se através de dificuldades em realizar-se plenamente na vida afetiva, sexual e profissional.

Ambos os conflitos mostram-se, segundo Deutsch (1953), Klein (1975) e Langer (1981), vinculados à relação estabelecida na infância com a figura materna.

5.1.1.2- TESTE DE APERCEPÇÃO TEMÁTICA (TAT)

Foi utilizado o teste projetivo TAT de H. Murray com o objetivo de complementar e confirmar as informações obtidas nas entrevistas, trabalhando-se com uma série reduzida de dez pranchas.

As pranchas foram selecionadas a partir de seu conteúdo simbólico, propiciando a elaboração de histórias que fornecessem subsídios para comprovação da problemática em pauta.

As pranchas escolhidas foram as de número: 1, 2, 3GF, 5, 7GF, 8GF, 9GF, 12F, 16 e 18GF.

PRANCHA 1 - Indica o conceito que o indivíduo faz de sua própria capacidade e a origem das forças incentivadoras ou inibitórias - se do meio exterior ou do meio interior. Elucida as relações com as figuras parentais, se estas são vistas como agressivas, dominadoras ou protetoras; esclarece sobre a atitude frente a autoridade.

PRANCHA 2 - Situação triangular, permitindo obter uma visão das relações familiares do sujeito, seja o triângulo edipiano, tal como foi sua vivência infantil, ou o triângulo atualizado atualizado. Permite também analisar o nível de aspiração e a oposição entre os dois tipos de feminilidade: virgindade e maternidade.

PRANCHA 3GF - Permite uma visão das causas de conflitos vivenciados pelo sujeito e analisa a atitude perante situações de frustração.

PRANCHA 5 - Propicia a análise das relações com a figura materna ou das relações conjugais.

PRANCHA 7GF - Esta prancha elucida aspectos da relação entre mãe e filha e analisa a atitude diante da maternidade.

PRANCHA 8GF - Propicia a compreensão dos conflitos atuais dos sujeitos e de suas fantasias e aspirações.

PRANCHA 9GF - Analisa aspectos ligados à rivalidade feminina.

PRANCHA 12F - Aborda a relação mãe e filha, esclarecendo aspectos sobre a influência dessa relação sobre o desenvolvimento da personalidade da filha.

PRANCHA 16 - Permite a análise de diversas situações: realidade atual, vivências infantis, aspirações ou a relação transferencial na situação de testagem.

PRANCHA 18GF - Observação da atitude perante a mãe, irmã e figuras femininas em geral e possibilita a compreensão dos conflitos ocorridos na relação mãe e filha. Analisa o modo como o sujeito lida com seus impulsos agressivos.

Para interpretação das histórias elaboradas pelos sujeitos, seguiu-se o método de análise desenvolvido por Henry Murray (1973). Para ele, cada história contém, por um lado, um herói com o qual o sujeito se identifica e ao qual atribui suas motivações e, por outro lado, personagens em interação com o herói, representando as forças do meio familiar e social real, cuja pressão é sentida pelo sujeito.

A partir deste princípio, a análise do conteúdo dos protocolos consistiu na identificação do herói em cada uma das histórias, das necessidades que ele manifesta e das forças do ambiente que exercem influência sobre o herói, ao qual o autor denomina "pressão". A seguir foram

analisados aspectos relativos ao desenvolvimento e desenlace de cada história e a análise dos temas, possibilitando determinar as motivações, interesses, tendências e sentimentos do sujeito, seus mecanismos de defesa, ansiedades e áreas de conflito.

5.1.2. PROCEDIMENTOS

Cada sujeito foi submetido a três sessões individuais. Na primeira sessão foi realizada a entrevista psicológica, que seguiu um roteiro próprio (ANEXO I); os dados colhidos foram registrados após a entrevista, com vistas à análise posterior dos mesmos.

A segunda sessão consistiu na aplicação do Teste de Apercepção Temática (TAT), sendo seguidas as normas determinadas pelo autor. As histórias elaboradas pelos sujeitos foram anotadas à medida em que eram verbalizadas, tendo sido analisadas segundo os parâmetros do referido teste, conforme acima descrito.

Na terceira sessão, realizou-se uma entrevista de devolução de informações sobre os resultados encontrados, objetivando-se a elaboração da ansiedade gerada pela situação de testagem, bem como, a reflexão sobre as dificuldades apresentadas sem, contudo, ter havido uma intenção de maior aprofundamento dos conflitos.

Com os sujeitos do grupo I, as sessões foram realizadas na instituição a que tinham se dirigido, e no grupo II, na residência de cada sujeito.

5.2 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.2.1- ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS NAS ENTREVISTAS

Com o objetivo de sistematizar esta análise, realizou-se um levantamento dos dados colhidos através das entrevistas, procurando agrupá-los de acordo com os seguintes tópicos:

- Caracterização da relação com a figura materna - Papel de filha
- Caracterização da relação com os filhos - Papel de mãe
- Papel de mulher

Primeiramente, destacou-se os modelos de relação materna encontrados entre os sujeitos entrevistados, como também, os modelos adotados pelos sujeitos no relacionamento com os filhos.

Pretendeu-se, deste modo, permitir uma maior compreensão dos dados colhidos e possibilitar que se pudessem extrair conclusões mais precisas.

Os dados colhidos nas entrevistas foram dispostos, nestes levantamentos, de acordo com os dois grupos que compuseram a presente amostra, grupo I e grupo II, com vistas a facilitar a análise comparativa dos resultados encontrados em cada um.

Estes levantamentos encontram-se nos quadros a seguir.

MODELO DE RELAÇÃO MATERNA

SUJEITOS \ MODELOS	GRUPO I										GRUPO II										
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	
OMISSO	x																				x
RESTRITIVO		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	

MODELO DE ATUAÇÃO NO RELACIONAMENTO COM OS FILHOS

SUJEITOS \ MODELOS	GRUPO I										GRUPO II										
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	
FACILITADOR						x				x		x	x	x			x	x			x
RESTRITIVO	x	x	x	x	x		x	x	x		x				x	x					x

CARACTERIZAÇÃO DA RELAÇÃO COM A FIGURA MATERNA - PAPEL DE FILHA

S U J E I T O S	GRUPO I										GRUPO II															
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U						
Relacionamento { Aberto na Infância { Fechado	x	x	x	x	x	x				x						x				x			x			
Relacionamento { Aberto na Adolescência { Fechado	x	x	x	x	x	x				x										x						x
Relacionamento { Aberto Atual { Fechado	-	-	x	x	x	x				x										x						x
Dependência na Infância	x	x	x	x	x	x				x										x						x
Independência na Infância																										
Dependência na Adolescência	x	x	x	x	x	x				x										x						x
Independência na Adolescência																										
Dependência Atualmente	x	-	x	x	x	x				x										x						x
Independência Atualmente	-	-	x	x	x	x				x																
Dominância																										
Controle		x	x	x	x	x				x										x						x
Superproteção		x	x	x	x	x				x										x						x
Maltrato Corporal																										
Indiferença	x																									
Afetividade		x								x																
Atitude de submissão frente à mãe	x	x	x	x	x	x				x										x						x
Atitude de rebelião frente à mãe		x																								
Sentimento de medo frente à mãe				x						x										x						x
Sentimento de frustração na relação	x	x	x	x	x	x				x										x						x
Sentimento de carência afetiva	x	x	x	x	x	x				x										x						x
Sentimento de rejeição por parte da mãe	x	x	x	x	x	x				x										x						x

OBS. Mãe da entrevistada B, já falecida

P A P E L D E M U L H E R

S U J E I T O S	GRUPO I										GRUPO II									
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U
Aceitação do papel social feminino		x					x			x					x	x			x	
Insatisfação frente ao papel feminino	x	x		x	x	x		x								x			x	x
Relacionamento afetivo satisfatório		x					x								x				x	
Conflito no relacionamento conjugal	x	x		x	x	x		x		x					x	x			x	x
Dificuldade no relacionamento sexual				x		x									x					
Atitude de submissão frente ao cônjuge	x	x		x	x	x		x		x					x				x	
Realização profissional satisfatória				x	x			x							x				x	
Insatisfação na área profissional	x	x			x	x		x		x					x	x			x	x
Conciliação dos papéis mãe-mulher				x				x								x				
Dificuldade de conciliação dos papéis	x	x		x	x	x		x		x					x	x			x	x
Menarca - experiência negativa				x	x	x													x	x
Conflito com a feminilidade	x	x		x	x	x		x		x					x	x			x	x

Tendo em vista a existência dos modelos de relação materna descritos, observou-se, em relação à figura materna dos sujeitos entrevistados, a predominância do modelo restritivo (n=18), seguindo-se o modelo omissivo (n=2). Nenhum sujeito apresentou uma figura materna correspondente ao modelo facilitador.

Dos sujeitos que tiveram um modelo de relação materna restritivo, grande parte (n=11) adotou o mesmo modelo na relação com os filhos. Dos que tiveram um modelo de relação materna omissivo, observaram-se num caso, atitudes de controle e de dominação, e noutro, atitudes mais de cooperação.

Observou-se que todos os sujeitos (n=20) evidenciaram um sentimento de frustração durante a infância, no relacionamento com a mãe, sendo que, a maioria também demonstrou sentimento de carência afetiva, como tal depoimento comprova:

"Às vezes, queria chegar perto dela, dar um beijo, mas ficava "com pé atrás" porque ela nunca tinha feito isso. Acho que ela tinha vergonha de ter gestos carinhosos e eu também. Atualmente, o sentimento é de respeito, ainda não consigo demonstrar afeto para com ela. Não guardo mais raiva, eu respeito o modo de ser dela, cada um é como é."(ENTREVISTADA U)

Observou-se que a maioria dos sujeitos revelou uma preocupação em ter com os filhos uma atitude oposta à da própria figura materna; no entanto, cerca de metade adotou o mesmo modelo de relação que vivenciou durante a infância, com a mãe.

"Considero-me diferente de minha mãe, inclusive procuro agir diferente, mas de vez em quando percebo que estou agindo igual." (ENTREVISTADA L)

"Preocupo-me em ser diferente de minha mãe porque não quero que meus filhos tenham de mim a mesma imagem que eu tenho dela, mas quando perco o controle e bato neles, percebo que não só ajo igual, como também falo igual a ela." (ENTREVISTADA G)

Entre os sujeitos que tiveram uma figura materna correspondente ao modelo restritivo, muitos sentiram-se rejeitados com suas atitudes de controle e dominação; no relacionamento com os filhos, a maioria destes sujeitos também apresentou atitudes de controle e de dominação.

"Minha mãe era de uma criação antiga, era autoritária, prendia os filhos mantendo-os perto dela, só deixando que saíssem acompanhados por alguém de sua confiança. Ela mantinha toda a família sob seu controle, bastava olhar que todos obedeciam. Tinha medo dela, às vezes me batia. Atualmente, ela gosta de impor sua opinião e eu, ou fico calada ou aceito o que ela diz. Quanto aos filhos, a gente cria do jeito que é criada. Eles não saem sozinhos, não deixo brincar fora de casa. Eu procuro me controlar e não bater, só que eu me irrita e, quando vi já bati." (ENTREVISTADA E)

Todos os sujeitos tiveram um relacionamento fechado com a figura materna na infância e, a maioria também na adolescência, sendo que muitos ainda mantêm um relacionamento fechado com a mesma (n=15). Quanto ao relacionamento com os filhos, muitos procuram estabelecer um relacionamento mais aberto, oposto ao que vivenciaram na infância.

"A gente sentia a mãe reservada, um bicho intocável, ela não se abria com a gente e a gente não conseguia se abrir com ela. Tenho um relacionamento aberto com meus filhos, falamos sobre tudo, contam-me seus problemas, trato de assuntos sobre sexo com naturalidade." (ENTREVISTADA S)

Observou-se que a maioria dos sujeitos apresentou uma ligação de dependência com a figura materna na infância e na adolescência, sendo que, quase todos ainda mantêm esta ligação. Já no relacionamento com os próprios filhos, evidenciou-se que aqueles que reforçam atitudes de dependência dos filhos para com eles, ainda se encontram dependentes de sua figura materna. Poucos sujeitos conseguiram alcançar um nível maior de independência da figura materna, sendo que, a maioria deles também consegue estabelecer uma ligação de independência na relação com seus filhos.

"Acho que educar uma pessoa é difícil, tento ser uma boa mãe, mas, às vezes, dou uma de "supermãe". Re conheço que prendo muito minhas filhas e que elas estão muito dependentes de mim, principalmente, a mais velha, de 11 anos. Ultimamente, estou procurando soltá-las um pouco e fazer com que estudem sozinhas, que cuidem de si mesmas, mas é difícil, pois, estão acostumadas a só fazerem isso comigo. Sempre fui muito ligada à minha mãe, dependendo dela para tudo. Quando minha primeira filha nasceu, morei com ela durante um ano e foi ela quem criou a menina. Há quatro anos, desde que ficou viúva, que ela mora comigo e me ajuda a cuidar de minhas filhas. "
(ENTREVISTADA P)

Todos os sujeitos apresentaram evidências de conflito em relação à maternidade e, destes, quase todos demonstraram um sentimento de insegurança no relacionamento com os filhos. Cerca de metade desses sujeitos apresentou um alto nível de exigência como mãe, evidenciando insatisfação frente ao próprio desempenho desse papel.

"Como mãe, sinto-me insegura. Considero-me uma mãe muito aquém. Minha mãe não me deu condições de ser mãe, sou uma pessoa fraca, sempre me senti insegura para cuidar dos filhos, achava que não saberia criá-los, dar comida. "
(ENTREVISTADA N)

Constatou-se que a maioria dos sujeitos (n=15) apresentou tanto conflito frente a maternidade, como também, conflito com a feminilidade. Dentre estes, observou-se que:

- Alguns (n=9) relataram terem sofrido transtornos da fecundação, gravidez ou do parto;

"Tive oito abortos espontâneos entre os nascimentos de meus quatro filhos." (ENTREVISTADA D)

"Tive eclâmpsia no primeiro parto. Tinha medo de parto porque desde criança minha mãe dizia que era horrível." (ENTREVISTADA J)

"Tive dificuldade para engravidar. Fiquei mais de três anos sem conseguir, entrando em depressão toda vez que constatava que não conseguia. Acho que foi "cuca", pois, os médicos nunca descobriram uma causa. De repente, engravidei naturalmente." (ENTREVISTADA Q)

- Para mais da metade destes sujeitos (n=10), a menarca foi vivenciada como uma experiência negativa;

"A menarca ocorreu aos nove anos. Não sabia nada sobre menstruação e pensei que algo dentro de mim havia arrebentado. Corri chorando para onde estavam meus pais. Minha mãe me levou para o quarto e mandou que minha tia viesse falar comigo. Ela não falou nada." (ENTREVISTADA D)

"Não sabia nada sobre menstruação e fiquei assustada. Mostrei à minha mãe que disse que era assim mesmo e só." (ENTREVISTADA F)

"Já sabia de tudo por colegas, mas levei um choque. Minha mãe mandou que minha irmã mais velha fosse falar comigo, pois, ela tinha vergonha de falar pessoalmente." (ENTREVISTADA Q)

- Todos apresentaram conflito no relacionamento conjugal;
- Alguns (n=3) apresentaram dificuldades no relacionamento sexual;

"Casei-me aos dezessete anos para fugir do ambiente agressivo de casa. Meu marido mostrou-se dominador e agressivo desde o início, ele me agride com palavras, humilha-me na frente dos outros. Eu não tinha a mínima idéia do que fosse um relacionamento sexual e nunca consegui sentir prazer. Sinto-me incompleta como mulher. Acho que meu problema sexual é porque nunca vi gestos de carinho entre meus pais." (ENTREVISTADA F)

- Diversos sujeitos (n=11) adotam uma posição de submissão em frente ao cônjuge, tendo a maioria também mantido uma posição de submissão nas primeiras relações com a figura materna;

"O relacionamento com meu marido é péssimo, ele me agride física e moralmente, mas não aceito a idéia de separação, pois, gosto dele. Parei de estudar quando noiva, porque ele me disse que só daria para um estudar; eu ainda pretendo voltar a estudar um dia. Minha mãe era autoritária, ela sempre nos limitou. Não entendia suas atitudes e ficava triste mas obedecia. " (ENTREVISTADA D)

- Muitos sujeitos (n=10) mantêm, ainda atualmente, uma ligação de dependência com a figura materna;

"Meu casamento está em "baixo astral". Meu marido me critica por eu ser dependente de minha mãe, achando que eu não quero me libertar. Ele sempre se calou, mas agora quer questionar meu relacionamento com minha família. " (ENTREVISTADA Q)

- Quase todos (n=14) denotaram insatisfação na área de realização profissional;

"Para o homem é mais fácil ser pai do que para a mulher sem mãe; ele sai de manhã e tudo que as crianças querem é com a mãe. Tem muita mulher que não gosta de ser dona de casa, eu gosto, mas também sinto falta de trabalhar. Mas, se eu trabalhasse fora as crianças ficariam jogadas e o meu marido não deixaria eu trabalhar fora. " (ENTREVISTADA H)

"Sempre gostei de dar aula, mas sinto que falta algo que ainda não fiz, mas ainda vou fazer. O que? Talvez estudar música, não sei. Quis estudar medicina, mas acabei estudando História Natural. Quando me formei, consegui um bom emprego, mas recusei porque casei e engravidei logo; eu estaria, atualmente, ganhando muito mais." (ENTREVISTADA P)

- Apenas um desses sujeitos não demonstrou dificuldade em conciliar os papéis de mãe e de mulher; em muitos deles, há um predomínio da valorização do papel de mãe em detrimento do de mulher;

"Não consigo separar mãe de mulher, para mim é uma coisa só, não vejo como ser mulher sem ser mãe." (ENTREVISTADA L)

"O problema financeiro leva você a ter de deixar os filhos para trabalhar. Você fica preocupada se o filho está bem ou não, se você devia ter saído. E tem a vida atribulada que você dá à criança, dela não saber com quem vai ficar quando você vai trabalhar." (ENTREVISTADA Q)

"Meu marido queixa-se que os filhos trouxeram problemas, nossa vida mudou, perdemos a liberdade. Não coloco os filhos acima do marido, todos são importantes, mas se tiver de optar, opto pelos filhos, porque vieram de mim." (ENTREVISTADA T)

Dentre todos os sujeitos, alguns (n=7) relataram terem sido vítimas de maltrato corporal na infância, por um ou ambos os pais; destes, muitos repetem esta atitude no relacionamento com os próprios filhos, tendo-se observado que a maioria ainda se mantém dependente de sua figura materna e que apresenta conflito frente a maternidade e a feminilidade.

"Minha mãe foi educada dentro de padrões muito rígidos. Acho que ela foi se fechando e embruteceu. Quando zangada, batia em nós, nos espancava. Lembro que

não tinha respeito por ela, tinha medo. Eu também espanco meus filhos como minha mãe fazia, perco o controle e bato, depois fico deprimida. Acho que e les guardem rancor. Sinto-me culpada, mas não consigo me controlar. Atualmente, sou muito ligada à minha mãe, eu a adoro e não aceito que ninguém a critique. Queria morar com ela. Há cinco anos viajei à Inglaterra, acompanhando meu marido que ia fazer mestrado lá. Eu não queria ir, preferia me separar dele e deixar minha mãe. Ela insistiu para eu ir. Tive uma crise depressiva lá, telefonava todos os dias para minha mãe." (ENTREVISTADA T)

Observou-se que os sujeitos que tiveram uma figura mater na característica do modelo de relação omissa, apresentaram conflito com a maternidade e a feminilidade, dificuldade no relacionamento afetivo e insatisfação na área de realização profissional.

"Minha vida como mulher acabou, não espero mais nada da vida. Meu casamento está péssimo, meu interesse por meu marido acabou e tenho evitado ter relações com ele. Gostaria de me separar, mas sou totalmente dependente financeiramente dele. Mulher que não consegue ser uma mulher boa, não consegue ser boa mãe. Acho que o não ter tido uma mãe me ajudasse, que se preocupasse por mim fez com que eu não consiga segurar a barra da vida." (ENTREVISTADA A)

Quanto aos sujeitos que não apresentaram evidências de conflito com a feminilidade (n=5), todos denotaram aceitação do papel social feminino, mantendo um satisfatório relacionamento afetivo-sexual com o cônjuge, demonstrando sentirem-se realizados profissionalmente. Embora estes sujeitos tenham tido na infância, uma relação com uma mãe com atitudes características do modelo restritivo, é interessante notar que algumas destas figuras maternas mostraram-se, em algumas ocasiões, afetivas na relação com suas filhas, o que pode ter neutralizado, de certa forma, os efeitos do modelo restritivo de rela

ção.

"Sinto-me satisfeita como mulher. Meu marido sempre me deu respeito, eu podia confiar nele, ele dá força a tudo que eu faço. Resolvi voltar a trabalhar, porque quero ter meu dinheiro, mesmo que pouco; gosto de saber que posso decidir o que comprar, sem ter de pedir a meu marido, embora ele seja ótima pessoa. Estou trabalhando numa barraca, vendendo doces. Curto muito mulher-mãe, mulher está ligado a mãe e a ele também, meu marido. Minha mãe era muito severa, controlava tudo que fazíamos, zangava muito, mas também era carinhosa e preocupava-se conosco." (ENTREVISTADA C)

"Nosso relacionamento é muito bom, falamos o que sentimos e compartilhamos tudo. Meu marido sempre me apoiou, inclusive agora, que resolvi voltar a trabalhar como professora. Nosso relacionamento sexual é bom, sempre foi, o que acho estranho pois minha educação foi muito repressiva. Minha mãe nunca falou sobre sexo e foi ele, ainda no tempo de namoro que me ajudou, conversando e mostrando as coisas com naturalidade." (ENTREVISTADA S)

Analisando-se o relacionamento que os sujeitos estabelecem com os próprios filhos, procurou-se observar se a diferença de sexo dos filhos seria um fator de influência. Dos sujeitos que possuem filhos de ambos os sexos (n=8), observou-se que apenas dois apresentaram conflito no relacionamento com os filhos de ambos os sexos; dos demais, um apresentou conflito somente com filhos do sexo masculino e quatro sujeitos, com os do sexo feminino. Apenas um sujeito não apresentou conflito no relacionamento com nenhum dos filhos.

"Tenho três filhos, dois meninos de 9 e 1 anos, e uma menina de 7 anos. Relaciono-me muito bem com os meninos, mas com Mariana é difícil. Acho que essa dificuldade tem a ver com o sexo da criança, é mulher feito eu. Tenho a maior naturalidade em limpar e aceitar os genitais dos meninos, mas os dela, não consigo nem tocar. Acho minha filha parecida comigo, eu também era uma criança chata, implicante, eu não sabia receber carinho e ela também. Ela não se chega, não busca meu contato e, como eu também não sou de dar, ela fica sem meu carinho." (ENTREVISTADA N)

De todos os sujeitos, observou-se que dentre aqueles que possuem filhos do sexo masculino (n=17), cerca de metade apresentou evidências de conflito no relacionamento com os mesmos; já entre os que possuem filhos do sexo feminino (n=11), a maioria apresentou conflito no relacionamento com as filhas. Deste modo, torna-se evidente que a diferença de sexo dos filhos foi um fator que influenciou o relacionamento que os sujeitos estabeleciam com os filhos, sendo maior a presença de conflito naqueles que possuem filhos do sexo feminino.

"Tenho dois filhos, de 7 e de 2 anos. Eu não queria ter filhos, no início eu rejeitava, mas depois eu aceitava. Os dois não me obedecem e o mais velho me desafia, como eu fazia com minha mãe e aí perco o controle e bato. Teve um período que ele me dizia que queria ter outra mãe, a mãe do coleguinha com quem ele brinca aqui no prédio. Eu escutei umas três vezes e não aguentei, arrumei a mala dele, coloquei na porta mandando que ele fosse para lá. Ele ficou desesperado, disse que não era verdade, queria ser meu filho mesmo e pediu para ficar." (ENTREVISTADA T)

"Sinto amor pelas minhas filhas, mas a mais velha, de 12 anos, também me irrita, chego a sentir repulsa quando ela me toca e me esquivo. Procuro não demonstrar, mas acho que ela percebe." (ENTREVISTADA L)

"Minha filha (16 anos) me agride abertamente, diz que sou louca, burra e que me odeia. Ela pede minhas roupas e objetos emprestados e eu não gosto de emprestar porque ela nunca devolve, ou então, ela estraga tudo. Acho que é meu direito ter minhas coisas, mas sinto-me mal quando recuso. Há uns três anos, minha filha teve uma discussão com o pai que lhe disse que ela não deveria ter nascido. Isso a levou a tentar o suicídio, tomando veneno de planta." (ENTREVISTADA D)

Considerando-se os sujeitos de acordo com a fonte de procedência, conforme já descrito anteriormente, compararam-se os dados obtidos entre os sujeitos do grupo I com os do grupo II, constatando-se que:

- Os grupos não diferiram quanto ao modelo de relação materna que tiveram na infância; em ambos os grupos predominou o modelo restritivo (n=9, em cada grupo), seguindo-se o modelo omissivo (n=1, em cada grupo).
- Quanto ao relacionamento com os filhos, observaram-se algumas diferenças no sentido de que a maioria dos sujeitos do grupo I demonstrou estar adotando um modelo de relação restritivo, evidenciando estarem repetindo o modelo de relação materna que tiveram na infância; no grupo II, somente cerca de metade dos sujeitos repete seu modelo de relação materna.
- Em ambos os grupos, a maioria dos sujeitos manteve um relacionamento fechado com a figura materna na infância, na adolescência e ainda atualmente. No relacionamento com os filhos, a metade dos sujeitos do grupo I estabelece um relacionamento fechado e, no grupo II, apenas dois sujeitos também mantêm um relacionamento fechado com os filhos; os demais sujeitos da amostra procuram estabelecer um relacionamento mais aberto, oposto ao que vivenciaram com sua figura materna.
- Os grupos não apresentaram diferença significativa quanto ao fato de que a maioria de sujeitos ter estabelecido uma liga

ção de dependência com a figura materna na infância, na adolescência e ainda atualmente. No entanto, no que se refere ao relacionamento com os próprios filhos, o grupo I apresentou um maior número de sujeitos que reforça nos filhos, uma ligação de dependência.

- Observou-se uma predominância entre os sujeitos do grupo I, de queixas de maltrato corporal na infância, por um ou ambos os pais.
- Ambos os grupos apresentaram, igualmente, evidências de conflito com a maternidade e a feminilidade, com dificuldades no relacionamento conjugal e de realização profissional. No entanto, encontrou-se uma diferença em relação a ter havido um maior número de sujeitos no grupo I que relataram ter sofrido algum tipo de transtorno da fecundação, da gravidez ou do parto.
- Quanto à presença de conflitos no relacionamento com os filhos, observou-se que todos os sujeitos do grupo I apresentaram dificuldade no relacionamento com os mesmos, estabelecendo uma relação conflituosa; já no grupo II, somente a metade dos sujeitos demonstrou ter dificuldade no relacionamento com seus filhos. Esta diferença pode ser devida ao envolvimento dos sujeitos do grupo I com a problemática emocional, uma vez que, estes se encontravam aguardando atendimento psicológico e o grupo II, serviu mais como grupo de controle, não tendo um envolvimento mais direto com este tipo de problemática. No que se refere à intensidade desses conflitos, os grupos não diferiram entre si.

5.2.2- ANÁLISE DOS RESULTADOS DO TESTE TAT

Através da análise dos resultados do TAT obteve-se, na maioria dos casos, a confirmação dos dados colhidos nas entrevistas. Observou-se que o teste mostrou-se eficiente no sentido de complementar e esclarecer aspectos que haviam ficado pouco explícitos na entrevista, como também, contribuiu para uma maior compreensão da dinâmica de conflitos evidenciados nas entrevistas.

Dentre as dez pranchas selecionadas para a aplicação desta série reduzida do teste TAT, verificou-se que as pranchas de número 1, 2, 7GF, 9GF, 12F e 18GF, mostraram-se mais significativas no sentido de elucidar aspectos referentes à problemática em estudo.

Na análise das histórias elaboradas pelos sujeitos, observou-se a frequência com que determinados temas eram abordados, muitas vezes em diversas pranchas. Segundo Murray, o tema designa a estrutura dinâmica de cada história, seu enredo ou a principal característica dramática.

Foi realizado um levantamento dos principais temas encontrados, assim como, das pranchas onde estes temas estiveram presentes e a frequência de sujeitos que, entre as diversas histórias elaboradas, apresentou o referido tema. Ao mesmo tempo, realizou-se também um levantamento dos resultados mais importantes encontrados no protocolo de cada sujeito, permitindo que se tenha uma visão mais abrangente do todo. Com isso, chegou-se aos seguintes resultados, conforme os quadros a seguir.

I N V E N T Á R I O D O S T E M A S

TEMAS	PRANCHAS	FREQUÊNCIA DE SUJEITOS
Problemas de realização pessoal	1, 5, 8GF	13
Atitude de submissão frente a figuras de autoridade	1, 12F	16
Sentimento de insegurança-Necessidade de apoio	1, 2, 3GF, 8GF, 16	15
Atitude de passividade frente ao meio	1, 3GF, 12F	13
Frustrações afetivas	2, 3GF, 5, 7GF, 16	20
Conflito no relacionamento com a figura materna	2, 5, 7GF, 9GF, 12F, 18GF	20
Sentimento de rejeição nas primeiras relações com a figura materna	2, 5, 7GF, 12F	15
Sentimento de exclusão na situação triangular edipiana	2	13
Rivalidade na relação mãe e filha	7GF, 9GF, 12F, 18GF	12
Dificuldade de separação emocional da figura materna	2, 3GF, 9GF, 12F, 18GF	14
Repressão de sentimentos hostis pela figura materna	3GF, 9GF, 12F, 16, 18GF	16
Sentimento de castração	1, 5	9
Conflito frente à maternidade	7GF, 9GF, 12F, 18GF	20
Conflito no relacionamento com filhos	7GF, 8GF, 9GF, 16	15
Sentimento de rejeição pelos filhos	7GF, 8GF, 16	10
Conflito Conjugal	2, 3GF, 16	16
Conflito com a feminilidade	7GF, 9GF, 12F	16
Internalização de proibições parentais quanto à realização sexual	2, 9GF, 12F	8
Dificuldade de ligação afetiva	2, 8GF, 16	5
Busca em fantasias, um refúgio dos conflitos	8GF	7

Nos resultados do teste TAT, constatou-se que a totalidade dos sujeitos vivenciou uma frustração em suas primeiras relações com a figura materna, sendo que, muitas das dificuldades que apresentam atualmente são decorrentes desta relação, como por exemplo, sentimento de insegurança e inferioridade, atitude de passividade frente ao meio, dificuldade em realizar as aspirações e conflito no relacionamento afetivo. Dentre as diversas histórias, pode-se citar as seguintes, que exemplificam a situação descrita:

"É mãe e filha, a filha está com a bonequinha na mão que devia ser como se fosse a mãe da boneca. A mãe está com uma revista do lado e a menina com os olhos fixos em algum lugar. Enquanto a mãe lê, a filha observa alguma coisa. Toda criança não gosta de ficar sozinha, precisa de alguém que esteja perto. Então, ela foi com sua bonequinha sentar perto da mãe, para se sentir mais segura. Mas, me parece que a mãe está tão presa à revista que parece que não está dando atenção à filha. A menina, já que não encontrou a atenção da mãe, presta atenção em outra coisa." (ENTREVISTADA A - PRANCHA 7GF - TÍTULO: A INSEGURANÇA)

"Uma senhora chorando como se tivesse acabado de entrar em um determinado cômodo da casa e, assim que fechou a porta começou a chorar. Acho que é uma pessoa que só se sente capaz de extravasar quando sozinha e não na frente dos outros. Acho que ela não está contente com a vida, com o marido, os filhos. Ela talvez tenha brigado com o marido ou com os filhos e se sentiu deprimida. É uma crise e depois passa; depois ela se acostuma com a idéia." (ENTREVISTADA A - PRANCHA 3GF - TÍTULO: UM MOMENTO DESAGRADÁVEL)

Muitos dos sujeitos (nº13) apresentaram evidências de terem vivenciado um sentimento de exclusão na situação triangular edipiana.

"É difícil. Digamos que são camponeses, são um casal,

um homem e uma mulher. Ele está trabalhando na roça e ela fica observando enquanto ele trabalha. Ela sempre gostou de ficar perto dele, olhando-o e sempre pronta para o caso dele pedir alguma coisa, água, por exemplo. Eles têm uma filha. Acho a mulher nova para ser mãe da garota, mas naqueles lugares casa-se cedo. A menina está chegando da escola e olha para eles mas, eles nem percebem que ela já chegou. Ela entra em casa e acho que vai pegar seu prato de comida e depois fazer seus deveres escolares." (ENTREVISTADA P - PRANCHA 2 - TÍTULO: O DIA A DIA)

A maioria dos sujeitos apresentou impulsos hostis e agressivos dirigidos à figura materna, provenientes das primeiras relações com a mesma, que muitos procuram reprimir por gerarem ansiedade e sentimento de culpa.

"Marisa morava em uma casa onde para se ir aos quartos precisava subir uma enorme escadaria. Um dia, ela estava na sala fazendo uma leitura quando ouviu um enorme barulho de algo rolando. Quando chegou até a saleta, encontrou sua mãe estirada no chão. Ficou desesperada ao pegá-la e ver que estava morta. Seu desespero talvez tenha sido maior ainda, pois, havia acabado de ter uma discussão muito grande com ela. Sentiu-se culpada, mas nada pode fazer, apenas ligar para o pai e chamar os irmãos. Não contou sobre a discussão a ninguém, foi um segredo que ela guardou." (ENTREVISTADA Q - PRANCHA 18GF - TÍTULO: A ESCADA)

Todos os sujeitos mantêm-se, de algum modo, ainda dependentes emocionalmente da figura materna e, este envolvimento demonstra estar repercutindo no relacionamento que estabelecem com os próprios filhos; muitos evidenciam terem dificuldade em aceitar que os filhos se separem emocionalmente, reforçando uma ligação de dependência, uma vez que não conseguiram superar estes aspectos dentro de si mesmos.

"A menina está saindo correndo, a mãe atrás, não sei porque. Parece a margem de um rio. A menina está de

salto alto e a mãe está atrás, protegendo a filha, mas a cara da filha é de quem não está gostando. A filha correndo, parece estar fugindo da mãe. A menina queria ser livre, não ter ninguém tomando conta. Ela já é uma mocinha e foi encontrar os amigos. Eu estou misturando eu aqui, com minha filha. A mãe faz isso por proteção, é um lugar perigoso. A filha sabe andar nesses lugares, mas a mãe talvez esteja insegura. Termina a mãe não sabendo o que fazer, muito ligada na filha, não sabendo deixá-la crescer." (ENTREVISTADA L - PRANCHA 9GF - TÍTULO: A PERSEGUIÇÃO)

Dentre estes sujeitos, mais da metade evidenciou temor de romper a ligação emocional com a figura materna, apresentando ansiedade frente à separação. Alguns (n=7) demonstraram encontrar-se em conflito frente a esta ligação e a necessidade de alcançar maior independência.

"Ela não quer que o neto saia de casa, mas ele precisa sair, já está grande e quer viver a vida dele. Ela criou o neto desde pequeno e ela o criou só pra ela. E, toda vez que ele fala que quer viver a vida dele, casar, ela finge que vai morrer, vai dar ataque e ele acaba cedendo, ficando com ele. Mas, é tudo mentira dela, com medo de perdê-lo. Um dia, um colega diz: "o negócio da tua avó é chantagem você tem que tomar coragem." Não é que ele não gostasse dela, é que ele queria viver e ela queria criá-lo como bebê. Aí, ele sai e ela finge que vai dar "chilique", mas não adianta. Ele não voltou, mas não deixou a velha sozinha, indo visitá-la todos os dias." (ENTREVISTADA G - PRANCHA 12F - TÍTULO: MEU NETO, MEU NETINHO)

A maioria dos sujeitos entrevistados apresentou uma figura materna que mantinha uma atitude de dominação que gerou, em alguns dos sujeitos, um sentimento de castração. Já entre os que não apresentaram evidências desse sentimento, observou-se algumas variações na externalização de atitudes da figura materna que, além de ter atitudes de dominação também manifestava

gestos afetivos com as filhas.

"Carlos está aborrecido, um pouco angustiado, parece. E a causa é esse violino, alguma coisa que aconteceu em relação ao violino. Ele está aborrecido porque tinha muita vontade de tocar violino, mas a mãe não o deixa tocar. Ela acha que ele devia tocar violão, bateria, que são mais de acordo com a idade dele. Esse violino não é dele, é do pai dele, o pai é que toca o violino. Ele nem quer estudar mais nada, só pensando no violino, por isto está melancólico. Ele queria ter um violino dele, tocar um violino, mas não adianta, a mãe não vai deixar e é só um sonho." (ENTREVISTADA T - PRANCHA 1 - TÍTULO: APENAS UM SONHO)

Dos sujeitos cujas figuras maternas foram percebidas como dominadoras, a metade adota uma atitude de dominação no relacionamento com os filhos.

"Uma mãe conversando com a filha e ela parece não estar dando atenção à mãe. Parece chateada, desatenta, talvez não esteja gostando da conversa da mãe. Agora eu percebi que a mãe está lendo algo para a menina, os deveres escolares. A menina quer mais é brincar e sua mãe não percebe porque acha que deve cobrar o estudo. A menina não vai aprender nada, porque sem vontade não se aprende. Eu me vejo aí com minha filha." (ENTREVISTADA L - PRANCHA 76F - TÍTULO: A COBRANÇA)

Observou-se que cerca de metade dentre todos os sujeitos mantém com os filhos uma atitude de superproteção que, em alguns casos, demonstra ser um mascaramento de um sentimento de rejeição; destes sujeitos, quase todos vivenciaram sentimento de rejeição e hostilidade na infância.

"Parece a mãe e um filho. Está tão grande para ser filho, não estou entendendo bem. Parece que a mãe está segurando o filho. A fisionomia dela parece estar tranquila, protetora, não agressiva, mas os braços parecem o máximo de agressividade. Parece que o filho tinha caído da escada e ela o segurou rapidamente, segurou no sentido de ajudar. Ela acudiu o filho que rolou a escada e ela está olhando para ajudá-lo." (ENTREVISTADA P - PRANCHA 186F - TÍTULO: A FALSA ESCADA, porque, às vezes, há escadas que enganam muito e não dão segurança e firmeza, você pensa que está bem firme e não está.)

Todos os sujeitos apresentaram sinais de conflito com a maternidade, demonstrando sentimento de insegurança no desempenho desse papel. A maioria apresentou dificuldade no relacionamento com seus filhos e, em alguns casos, repetem com os filhos o mesmo tipo de relação conflituosa que tiveram com a figura materna, durante a infância. Alguns dos sujeitos, devido às frustrações vivenciadas na infância, demonstraram dificuldade em externar afeto aos filhos.

"Essa é a Fernanda, a menina. Ela tem 8 anos e brinca sempre de boneca. Sempre foi uma menina infantil, sempre brincando de boneca e resolveu perguntar à mãe como os filhos nasciam. A mãe chamou Fernanda e começou a dizer como a criança nascia, como era feita, como acontecia tudo. Mas, a mãe, por ser ignorante, falou de um jeito bruto, seco. A expressão da menina mostra que ela não estava pronta para ou vir aquilo. A mãe retratou as dores do parto e ela não estava pronta para isso. Fernanda se desiludiu com a maternidade e a boneca caída simboliza isso. Ela cresceu, casou e até hoje ela não quer ter filhos. Aquilo bloqueou, marcou e ela hoje não consegue ter filhos." (ENTREVISTADA D - PRANCHA 76F - TÍTULO: ESTERILIDADE PSICOLÓGICA)

Quase todos os sujeitos que apresentaram conflito frente à maternidade também evidenciaram ter um conflito com a feminilidade; ambos os conflitos mostraram-se relacionados à primeira relação mãe e filha e aos conflitos e frustrações ocorridos nesta relação. Destes, alguns evidenciaram terem internalizado proibições parentais quanto à realização na área sexual.

"Lúcia era uma solteirona muito feia que não conseguia nenhum sucesso em nada que fazia. Ficava muito ansiosa, pois, sentia sempre por perto a presença

de uma velha muito feia, como se estivesse sempre recriminando seus atos. Isso fazia com que Lúcia se sentisse cada vez mais feia e sem ação para tomar qualquer atitude. Não tinha coragem de namorar, pois, sentia que a velha estaria sempre atrás, criticando-a. Tentou de tudo para tirar a presença imaginária da velha de sua cabeça, porém, de nada adiantou e acabou se conformando para o resto da vida em carregar aquela imaginação que tanto a perturbava. "

(ENTREVISTADA Q - PRANCHA 12F - TÍTULO: A BRUXA)

Observou-se que os sujeitos do grupo I e do grupo II apresentaram, na maioria das vezes, poucas diferenças nos resultados do teste TAT.

Foram confirmados os dados obtidos nas entrevistas, constatando-se que um maior número de sujeitos do grupo I apresentou evidências de conflito no relacionamento com os filhos, mantendo uma atitude de dominação, superproteção e reforçando a dependência dos mesmos.

Quanto ao grupo II, verificou-se que foi um pouco maior o número de sujeitos que apresentou sentimento de segurança e capacidade de realizar suas aspirações, assim como, de evidenciarem estar em conflito frente à dependência pela figura materna e a busca de maior autonomia.

Nos demais resultados, os sujeitos de ambos os grupos não diferiram significativamente entre si.

5.2.3- CASOS ILUSTRATIVOS

Com o objetivo de permitir uma maior compreensão da problemática dos modelos de relação materna e sua influência na relação mãe-filho, serão apresentados três casos ilustrativos devidamente analisados, cotejando-se os dados da entrevista com os do teste TAT.

ENTREVISTADA E

Faxineira, 34 anos, nível de escolaridade primário. É a filha menor de uma família constituída por pai, mãe e duas filhas. Casada com almoxarife, de 42 anos, tendo 3 filhos: dois meninos de 10 e 8 anos e uma menina de 5 anos.

DADOS DA ENTREVISTA

Afirma que a mãe era de uma "criação antiga", vinda da roça onde teve uma educação severa, o que contribuiu para torná-la uma pessoa muito rígida com as filhas. Era autoritária, mantendo toda a família sob seu controle, bastava olhar que todos obedeciam, inclusive o marido que procurava evitar brigas com a mulher, calando-se ou saindo de casa.

A mãe prendia as filhas mantendo-as perto dela, não deixando que saíssem sozinhas ou brincassem fora de casa, estando sempre acompanhadas pela mãe ou por alguém de sua confiança. Não permitia que ouvissem as conversas dos adultos, mandando que saíssem e não dialogava com elas; nunca houve intimidade entre ambas.

Lembra-se da mãe sempre dando ordens, brigando e, muitas vezes, batendo, pois, para ela tentar responder era considerado malcriação. Tinha medo da mãe e procurava mostrar-se dócil e submissa, não desobedecendo as normas impostas por ela. Mesmo quando noiva, preocupava-se em chegar em casa na hora que ela havia estipulado. Mas, acrescenta: "Era tudo para o meu bem."

Sentia-se dependente da mãe, sempre à espera de uma ordem sua, muitas vezes sem conseguir tomar uma atitude por si mesma, com medo de desagradá-la.

Aos 13 anos ficou menstruada, não sabia de nada e correu para a mãe dizendo: "Algo está saindo de mim", e a mãe só respondeu: "Isto acontecerá sempre". Ficou chocada, não entendeu o que lhe estava acontecendo; foram as amigas que lhe explicaram o que era menstruação. Sua mãe nunca lhe falou sobre sexo e foi o marido quem a orientou, antes de casarem.

Atualmente, mora perto da mãe, numa casa construída num terreno que os pais possuíam numa favela; são duas casas separadas, mas próximas. A mãe controla sua vida, quer impor a sua opinião e interfere no seu relacionamento familiar. Não consegue enfrentar a mãe e, geralmente, acata o que ela diz, por sentir-se em dívida por ter de recorrer a ela sempre que precisa de ajuda, como por exemplo, deixar os filhos com ela quando precisa trabalhar.

Casou-se aos 20 anos, querendo ter filhos: "Quando a gente casa, quer ter filhos para se realizar", no entanto, não

conseguia engravidar. Não sabe o que houve porque nunca procurou um médico; após 3 anos de casada, engravidou naturalmente.

No relacionamento com os filhos, percebe que age do mesmo modo que a mãe, afirmando que: "A gente cria do jeito que é criada". Procura ser uma boa mãe e fazer o que pode pelo bem deles. Acha que é uma mãe controladora, superprotetora, mantendo os filhos ligados a ela, não deixando que saiam sozinhos nem que brinquem fora de casa, mas eles não aceitam e queixam-se dela, dizendo que querem mais liberdade. Isso a faz sentir-se irritada com eles porque queria que eles a obedecessem e, acaba batendo neles. Atualmente, procura se controlar porque sabe que não adianta bater, no entanto, irrita-se e perde o controle; quando se dá conta, já bateu.

O filho mais velho é o que demonstra reagir mais contra ela, chorando e reclamando; já a filha menor é dócil, obediente e procura ajudá-la a cuidar da casa, tendo mais facilidade em lidar com esta filha.

Seu relacionamento com o marido sempre foi difícil. No início do casamento havia muitas brigas porque ele mentia sobre estar trabalhando até tarde, mas as pessoas lhe contavam que ele estava com os amigos no bar, perto de casa. Conta: "Eu esquentava e ficava com raiva, mas, depois, vieram os filhos e eu comecei a deixar de lado, não falo mais nada, mesmo sabendo que é mentira; agora, para mim o principal é ele não deixar faltar nada em casa".

Para E, o papel da mãe é cuidar dos filhos, criá-los, e do pai é não deixar faltar nada aos filhos. Eles são mais ligados a ela do que ao pai, que é uma pessoa fechada e se mostra distante com os filhos

Trabalhava como faxineira numa instituição até um mês atrás quando saiu do emprego por exigência do marido que se queixava dela ter de sair cedo de casa todos os dias. Não sabe responder se pretende voltar a trabalhar: " Talvez se aparecer algo". Começou a trabalhar depois de casada, fazendo serviços de faxina, mas sempre preocupada de ter deixado os filhos sozinhos.

Gostaria de ser uma mulher diferente do que é, mais bonita, inteligente, queria também ter mais instrução para poder ter outra profissão, não sabe qual.

RESULTADOS DO TESTE TAT

Apresenta dificuldade em realizar suas aspirações devido a sentimento de insegurança, inferioridade, passividade e falta de energia para fazer frente ao meio.

Seu relacionamento com a figura materna demonstra gerar frustração, percebendo-a como uma figura dominante e ameaçadora, restringindo sua capacidade de autonomia e levando-a a um sentimento de insegurança, rejeição e castração. Apresenta impulsos agressivos e hostis dirigidos à figura materna, que procura reprimir, voltando-os contra si mes-

ma. Demonstra ter vivenciado sentimento de exclusão na situação triangular edipiana.

Apresenta evidências de conflito frente à maternidade, que se mostra como uma repercussão dos conflitos vivenciados nas primeiras relações com a própria figura materna. No relacionamento com os próprios filhos, mantém uma atitude de domínio e controle, tal como sua figura materna, evidenciando, portanto, uma identificação com a mesma.

Encontra-se emocionalmente dependente da figura materna, reagindo com sentimento de angústia e desamparo frente a situações de separação, demonstrando temor de assumir uma posição de autonomia. Do mesmo modo, apresenta dificuldades em separar-se emocionalmente de seus filhos, reforçando a dependência destes a si.

Presença de conflitos no relacionamento conjugal, com evidências de ter internalizado as proibições parentais quanto à realização sexual.

ANÁLISE DO CASO

Observou-se que a entrevistada E teve um modelo de relação materna restritivo, no qual sua mãe estabeleceu um relacionamento fechado, mostrando-se dominadora controladora e ameaçadora, gerando em E um sentimento de inferioridade, insegurança, rejeição e castração.

Quanto ao seu desempenho do papel de mãe, apesar de ten

tar agir de modo diferente de sua própria mãe, repete com os filhos o mesmo tipo de relação de domínio e controle vivenciado na infância, evidenciando, portanto, ter introjetado seu modelo de relação materna. Demonstra não ter conseguido, ainda, superar as frustrações vividas na infância, mantendo-se emocionalmente ligada à mesma, o que dificulta que encontre um modo próprio de atuação junto aos filhos, independente da influência desse modelo.

Vivenciou sentimento de exclusão na situação triangular edipiana e, na situação triangular atualizada, apresenta um relacionamento junto aos filhos com características simbióticas, sendo delegado ao marido, o papel de ser o excluído da relação. Apresenta sinais de maior identificação com a filha, com quem estabelece um relacionamento semelhante ao que mantinha, na infância, com sua própria mãe.

Quanto ao seu papel de mulher, demonstra passividade e insegurança, insatisfação consigo própria como mulher e conflito no relacionamento conjugal.

ENTREVISTADA R

Pedagoga, 29 anos, família de origem constituída por pai, mãe, um irmão mais velho e R. Casada com engenheiro, 30 anos, tendo um filho de 2 anos. Nível socioeconômico médio-alto.

DADOS DA ENTREVISTA

Considera que o relacionamento com sua mãe sempre foi péssimo, devido ter sido rejeitada: "Ela não me queria". A família era de Santa

Catarina e, quando tinha oito meses, vieram ao Rio visitar os avós paternos, com quem a deixaram até os dois, atendendo a pedidos destes, não a visitando neste período. Quando voltou, para a companhia dos pais, soube que adaptou-se com mais facilidade ao pai, com quem sempre manteve uma ligação melhor: "Ele era protetor, amigo".

A mãe era uma pessoa autoritária e exigente. Afirma que era uma criança medrosa, tinha medo de adultos, da mãe, de apanhar, embora não se lembre de ter apanhado, pois, era a "menina certinha" que não dava motivo de repreensão.

A partir da adolescência, a mãe tornou-se mais controladora, não permitia que R saísse com amigos ou que tivesse namorado, chegando a fingir que passava mal, ou então fazendo cobranças como: "Eu te dei estudo e olha como você me retribui, deixando-me sozinha", o que a levava a desmarcar seus compromissos. Aos 20 anos, fez amizade com um psiquiatra do hospital onde trabalhava e ele a auxiliou a entender a situação, conseguindo não mais deixar-se manipular pela mãe, como também, sentir-se mais segura consigo própria, sem ter medo das pessoas.

Atualmente, a mãe tenta manipulá-la, dar ordens em sua casa, mas R não se submete e coloca limites, o que leva a mãe a sentir-se rejeitada. Não existe intimidade entre elas, nunca conseguiu se abrir com a mãe. Acha que a mãe a valoriza, principalmente depois que se casou. Informa que a família da mãe é do Sul, e lá, a mulher só passa a ser aceita como adulta depois que se casa, podendo então, fazer parte das conversas. Mas afirma que sua mudança pessoal deu-se antes de casar, quando

deixou de ser uma pessoa amedrontada e ser mais decidida.

Considera-se boa mãe, pois o filho está se desenvolvendo normalmente. Para ela, ser mãe é uma coisa natural, espontânea, é agir de acordo com cada momento e, até como ela esteja se sentindo: "tudo que faço é pelo bem de meu filho, mas tem horas que me descontrolo e perco a paciência; o que acontece comigo se reflete nele."

É uma mãe carinhosa, brinca, canta com o filho, pois, sabe que música ajuda, mas também é enérgica, quando necessário. O filho ainda é pequeno, mas é muito inteligente e, com isso, ele a ajuda a terem um bom entendimento.

Para o filho, ela deve representar uma amiga, aquela que dá carinho, proteção, que cuida dele. Ele gosta muito do pai e ambos se entendem bem. O marido divide com ela a responsabilidade de educar o filho.

Para R, ser mãe representa ter uma continuação, é uma experiência boa. Sua gravidez e parto foram normais e pretende ter outro filho.

Preocupa-se em não deixar o filho sozinho por períodos mais longos, ainda que pudesse deixá-lo com parentes com quem ele estivesse mais familiarizado. Lembra-se que os pais a deixaram com os avós e não quer fazer o mesmo com o filho. Muitas vezes, recusa-se a viajar, até por um fim de semana, caso não possa levar o filho.

Vê a si mesma como uma mulher realizada no casamento e no

trabalho, uma pessoa segura. O marido é mais sonhador e ela é mais racional, afirmando que: "Não acredito no amor emocional porque não tem nada sólido; nosso relacionamento é sólido, resolvemos os problemas juntos, falamos o que sentimos."

Gosta do tipo de mulher que é, achando que tem personalidade forte. Não considera que o fato de ser mulher acarrete dificuldades em ser mãe: "Só a mulher frágil sente dificuldade e isto porque transmite fraqueza, fragilidade."

RESULTADOS DO TESTE TAT

Apresenta sentimento de segurança e capacidade de realizar suas aspirações.

Seu relacionamento com a figura materna mostra-se conflituoso, sendo esta sentida como uma figura dominadora, repressora, amedrontadora e rejeitadora, o que parece estar gerando impulsos agressivos e hostis dirigidos à sua figura materna, os quais demonstra tentar reprimir.

Apresentava dependência emocional pela figura materna, que ainda se mantém presente, embora haja evidências de estar conseguindo, em parte, superar os conflitos ocorridos nessa primeira relação. No entanto, demonstra um temor de que esse lado infantil de ligação com a mãe, que é visto como fraco, possa tornar-se atuante, trazendo à tona os impulsos hostis e a dependência emocional.

ANÁLISE DO CASO

O relacionamento de R com sua mãe mostrou-se conflituoso desde a infância. Sua mãe apresentava características de uma relação restritiva, com atitudes de controle, domínio e rejeição, levando-a a experimentar sentimentos hostis que procurava reprimir.

Apesar de tentar superar os conflitos dessa primeira relação com a figura materna, demonstra ainda manter uma estreita ligação emocional com a mesma, com temor de que os sentimentos reprimidos possam vir à tona, desenvolvendo ansiedade e culpa.

Os conflitos dessa relação refletem-se em seu desempenho do papel de mãe; em seu relacionamento com o filho, demonstra um receio de que ele possa vir a sofrer as mesmas frustrações por que ela passou, preocupando-se, portanto, em não agir com ele, do mesmo modo que sua mãe agia. Procura adotar uma atitude de cooperação com o filho, mostrando-se afetuosa e estimulando um relacionamento aberto, porém, evidenciando tratar-se mais de uma oposição ao seu modelo de relação materna do que uma atitude espontânea e afetiva.

Quanto ao seu papel de mulher, diz ser uma pessoa que se sente realizada como mulher, tanto no relacionamento conjugal como na realização profissional.

ENTREVISTADA U

Professora primária, 38 anos, recém-formada em psicologia, proveniente de família constituída por pai, mãe, uma irmã e um irmão mais velhos, avó materna e U. Desquitada há 5 anos, tem um filho de 11 anos desse casamento, do qual é responsável. Nível socioeconômico médio.

DADOS DA ENTREVISTA

Define a mãe como uma "presença-ausente", cumpria suas obrigações, cuidava da casa e dos filhos, mas não lhes dava afeto ou apoio, não preocupando-se com nada, quer relacionado aos filhos ou a si própria. Era uma pessoa passiva, sem capacidade de iniciativa, sempre à espera de que alguém cuidasse dela.

Moravam com a avó materna que era a figura atuante na família e, era a ela que recorria, embora reconheça que quem teve maior influência em sua vida foi a mãe. A atitude desta a tornou uma criança fechada, tendo que aprender desde cedo a resolver seus próprios problemas. Afirma: "Acho bom que tive de amadurecer, mas não devo nada a ela; foi tudo muito doído, machucado, queria que tivesse sido de outra maneira." Sente rancor pela mãe até hoje e considera que foi este rancor que a impulsionou a ser uma pessoa decidida, capaz de enfrentar a vida e as dificuldades, enfim, o oposto da mãe.

Lembra-se de quando ocorreu a menarca, já sabendo de seu significado através das colegas; não contou nada a ninguém, e

a avó, percebendo, mandou que a mãe fosse falar com ela, mas U a impediu dizendo-lhe que já sabia de tudo e ela não precisava dizer mais nada.

Considera que a atitude da mãe a mantinha emocionalmente ligada, dando-se conta de seu desejo de ser dependente da mãe, mas esta não permitia. Sentia um vazio afetivo que percebe estar presente até hoje. Atualmente, moram em cidades diferentes e têm pouco contato uma com a outra. U lhe dá apoio financeiro, mas não afetivo.

Sua preocupação no relacionamento com o filho é não ser igual à mãe, mas também, não ser "supermãe"; quer que o filho seja independente e capaz de resolver seus problemas por si próprio e que viva a vida dele. Quer dar-lhe a segurança do amor dela, certificando-o de que pode partir, mas quando quiser retornar reencontrará seu lugar.

Existe uma relação de dependência concreta entre ambos; quando ele precisa, recorre a ela e, certas decisões só toma com seu aval. No entanto, ela o estimula a ser independente, e ele costuma passar longos períodos na casa de outras pessoas e ela, apesar de sentir saudades, o incentiva a ir.

Com a separação do marido, sente que sua responsabilidade como mãe aumentou; precisa estar pronta a resolver situações em que, se estivesse com o marido, ele poderia ajudá-la. Em emergências, tem de fazer o papel de pai e mãe. Procura não interferir no relacionamento do filho com o pai, incentivando o entendimento de ambos.

O filho foi desejado, achando-o um menino sensível e esperto. Acredita que para ele, ela não é aquela "MÃE", e sim, uma pessoa amiga, alguém que fala igual a ele, a mesma linguagem, mas que, ao mesmo tempo, sabe que tem autoridade sobre ele e que cobra quando deve.

Preocupa-se em ter seu espaço como mulher, assim como o de mãe, não permitindo nenhuma sobrepujar a outra. Desquitou-se há cinco anos, após dez anos de casamento, e teve alguns namorados desde então. Afirma que o fato de vivermos numa sociedade machista faz com que seu comportamento como mulher possa prejudicar o filho, tendo que tomar certa cautela em suas atitudes como, por exemplo, não permitir que os namorados subam em seu apartamento, para não comprometer-se. Esta cobrança não é restrita à mulher separada, mas também a que é casada deve ter certas preocupações quanto ao seu comportamento, apenas por ser mulher.

Atualmente, tem um namorado com quem mantém um relacionamento conflituoso, estando indecisa se termina ou não esta relação, o que a deixa muito deprimida.

À questão sobre o tipo de mulher que desejaria ser, responde: "Aquela mulher bem boneca, despreocupada, tendo sempre alguém que fizesse tudo para mim; sendo menos responsável a vida seria mais fácil". Ao lhe ser mostrado que descrevera a própria mãe, sorri e não diz nada, mas no final da entrevista coloca que apesar do que dissera, no fundo está contente em ser como é, em saber que não passou em branco pela vida.

RESULTADOS DO TESTE TAT

Apresenta sentimento de inferioridade e insegurança para enfrentar a vida.

Percebe a figura materna como distante, rejeitadora e indiferente a suas tentativas de aproximação, não lhe dando o apoio e afeto de que necessita, o que provoca sentimentos hostis dirigidos à mesma, além de gerar sentimento de frustração.

A repercussão dessa relação evidencia-se num bloqueio na área afetiva, apresentando dificuldade em ligar-se afetivamente pelo temor de rejeições e perdas. No relacionamento com o filho, demonstra dificuldade em externar seu afeto a ele.

Com isso, evidencia que ainda se mantém emocionalmente ligada à figura materna, tendo dificuldade em superar as frustrações vividas na infância.

ANÁLISE DO CASO

A mãe da entrevistada U mostrou-se omissa no relacionamento com a filha, mantendo atitudes de distanciamento e indiferença que geraram nesta, grande frustração e sentimento de insegurança e rejeição.

Já em seu desempenho como mãe, observa-se uma intenção em agir de modo oposto ao da própria mãe, procurando manter um relacionamento aberto com o filho, dando-lhe apoio, afeto, como também, incentivando sua independência e individualidade. No entanto, evidencia uma dificuldade em ligar-se afetivamente ao

filho e externar-lhe seu amor, o que é uma repercussão do relacionamento com sua mãe, na infância.

Do mesmo modo, esta dificuldade manifesta-se no relacionamento afetivo com o sexo oposto, não conseguindo estabelecer uma ligação mais estreita, por temor de vivenciar rejeições e perdas.

Conclui-se que a entrevistada U demonstra estar ainda emocionalmente ligada à sua figura materna e ao modelo de relação que estabeleceu com esta na infância, ainda que por oposição a este modelo, não tendo conseguido, ainda, superar as frustrações vividas nessa relação e encontrar um modo de atuação mais espontâneo, como mãe. Observa-se, também, as consequências da atitude de omissão da mãe, em termos de dificuldade em estabelecer vínculos afetivos. No que se refere ao seu papel de mulher, também procura adotar uma atitude oposta àquela adotada por sua mãe.

5.2.4- DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos resultados obtidos através das entrevistas e do teste TAT confirmou a impregnância do modelo de relação materna, que é introjetado pela menina em sua primeira relação com a figura materna e influenciará seu posterior desempenho do papel de mãe. Dentre os modelos caracterizados, o restritivo, o facilitador e o omissivo, o modelo de relação materna predominante foi o restritivo, sendo repetido por grande

parte dos sujeitos, principalmente, os do grupo I, apesar destes terem expressado uma preocupação em ter uma atitude oposta à da própria figura materna. Dentre os que adotaram uma atitude de cooperação e um relacionamento mais aberto junto aos filhos, cuja maioria encontrava-se entre os sujeitos do grupo II, observou-se que esta atitude tratava-se mais de uma oposição ao modelo de relação materna introjetado, do que uma atitude espontânea.

Em ambos os casos, constatou-se que os sujeitos mantinham-se, ainda, ligados emocionalmente à sua figura materna, não conseguindo superar as frustrações das primeiras relações com a mesma e alcançar um modo próprio de atuação.

Poucos sujeitos, em ambos os grupos, tiveram um modelo de relação materna omissa, porém, nenhum deles o repetiu em seu relacionamento com os filhos.

Observou-se que o modelo de relação materna restritivo, o qual tem como característica um relacionamento mãe e filho baseado em atitudes tais como, de dominação, controle, superproteção, relacionamento fechado e ligação de dependência, apresentou uma série de nuances em relação às atitudes maternas. Essas nuances variaram desde aquelas figuras maternas cuja atuação correspondia, plenamente, às características do modelo descrito, sendo que, em alguns casos, chegava-se a agredir os filhos fisicamente, até as que se mostravam, em algumas ocasiões, afetivas na relação com os filhos.

Estas variações de externalização de atitudes dentro do

modelo de relação restritivo repercutiram de diferentes maneiras nos sujeitos; em alguns, a atitude de domínio materno gerou sentimento de castração, dificuldade para realizar as aspirações, passividade e insegurança para enfrentar a vida; já entre aqueles que relataram terem tido uma figura materna que também tinha atitudes afetivas, os efeitos deste modelo parecem ter sido, de certa forma, neutralizados, tendo repercutido de um modo mais atenuado.

Dentre os que foram vítimas de maltrato corporal na infância, por um ou ambos os pais, a maioria repete esta mesma atitude com os próprios filhos, o que gera ansiedade e culpa. Observou-se que estes sujeitos, quando da vivência infantil do triângulo edipiano, sentiram-se excluídos da relação e, na situação triangular atual, com marido e filhos, evidenciam buscar uma relação com características simbióticas, seja com o marido e excluindo os filhos, seja com os filhos e excluindo o marido. Neste último caso, muitas vezes, é delegado ao marido o papel de agredir aos filhos.

Entre os sujeitos que tiveram um modelo de relação materna omissa, observou-se que as atitudes de distanciamento e indiferença da figura materna causaram, entre outras, dificuldades de ligação afetiva.

Quanto à ligação de dependência-independência com a figura materna, a maioria dos sujeitos apresentou uma ligação de dependência na infância e na adolescência, e muitos, ainda se mantêm dependentes atualmente. Este envolvimento demonstra

estar repercutindo no relacionamento que estabelecem com os próprios filhos, sendo que, grande parte dos sujeitos, principalmente, os do grupo I, evidenciam terem dificuldade em aceitar que os filhos se separem emocionalmente, reforçando uma ligação de dependência. Isto demonstra como a capacidade da mãe em separar-se emocionalmente de sua figura materna é fator fundamental para aceitar a independência dos filhos; e que não conseguiu superar os aspectos de dependência pela sua figura materna, em si mesma, terá esta dificuldade no relacionamento com seus filhos.

A presença de conflito frente à maternidade e à feminilidade apresentou conexão com as relações estabelecidas na infância com a figura materna, e aos conflitos e frustrações ocorridos nesta relação. Um aspecto importante nestes conflitos é o da menarca e conforme esta foi vivenciada na relação mãe e filha. Para cerca de metade dos sujeitos da amostra, a menarca foi vivenciada como uma experiência negativa, principalmente, pela dificuldade que a figura materna teve em lidar com a situação.

A primeira menstruação representa, para a menina, um acontecimento importantíssimo; significa que adquiriu sua maturidade biológica, que é mulher e capacitada fisicamente para o amor e a maternidade. É importante o papel da mãe nesta etapa de desenvolvimento da filha, não apenas quanto ao esclarecimento dos aspectos biológicos e fisiológicos da menstruação, mas, principalmente, porque conforme seja sua aceitação do

crescimento da filha, a qual tem relação com sua atitude frente à própria feminilidade, maior facilidade terá a filha em aceitar esta passagem de menina para mulher.

Os sujeitos que evidenciaram conflito para com a maternidade e com a feminilidade, igualmente no grupo I e no grupo II, demonstraram a repercussão dos mesmos em termos de conflito no relacionamento afetivo-sexual com o cônjuge, insatisfação na área de realização profissional e dificuldade na conciliação dos papéis de mãe e mulher.

A maioria dos sujeitos apresentou dificuldade no relacionamento com seus filhos e, em alguns casos, repetem com eles o mesmo tipo de relação conflituosa que tiveram com sua figura materna na infância. Alguns, devido as frustrações vivenciadas nessa relação, demonstraram dificuldades em externar afeto aos filhos.

Foi observado que a maioria dos sujeitos do grupo I apresentou dificuldade no relacionamento com os filhos, mantendo com os mesmos uma relação conflituosa; no grupo II, apenas a metade apresentou esta dificuldade. Esta diferença entre os dois grupos, assim como outras acima citadas, pode ser devida ao fato dos sujeitos do grupo I consistirem em mães que estavam aguardando o início do atendimento psicológico para problemática emocional familiar, e o grupo II, que consistiu de mães aleatoriamente selecionadas, serviu mais como grupo de controle, não tendo, necessariamente, um envolvimento com tal problemática.

O aspecto de identificação sexual demonstrou ser um fator importante no relacionamento entre mãe e filha, tendo-se observado uma frequência maior de relacionamento conflituoso entre os sujeitos que possuem filhos do sexo feminino do que entre aqueles com filhos do sexo masculino.

Estas considerações permitem inferir o grau de importância da relação entre mãe e filha e, como os conflitos advindos desta primeira relação vão repercutir, posteriormente, nas relações que a menina estabelecerá com o mundo. Seu desempenho do papel de mãe sofre influência do modelo de relação materna introjetado, sendo imprescindível que ela consiga superar seus conflitos infantis com a figura materna e separar os seus próprios sentimentos e atitudes dos que pertenciam à sua mãe, a fim de que possa atuar junto aos filhos de um modo mais autônomo e autêntico e, ao mesmo tempo, aceitar plenamente o seu papel feminino.

Cabe aqui relatar algumas atitudes apresentadas pelos sujeitos frente à presente investigação, como também, durante a entrevista de devolução.

Para muitos sujeitos, a participação neste tipo de situação veio de encontro a uma necessidade de buscar um auxílio para as dificuldades que experimentavam no relacionamento com os filhos, tendo isto ocorrido, não apenas entre os sujeitos do grupo I, que na realidade buscavam este tipo de ajuda, mas também, entre os do grupo II que, embora não tivessem procurado nenhum atendimento psicológico, estavam conscientes de suas di

ficuldades.

Observou-se que os sujeitos mostraram-se constrangidos , a princípio, mas com o decorrer do contato, conseguiam descontraí-ra-se, mostrando-se cooperativos como, por exemplo, a entrevistada J, que no início da segunda sessão colocou que havia omitido alguns fatos importantes, mas que pensara bem e decidira contar tudo, pois, queria ser ajudada; ou então, a entrevistada L, que afirmou: "Para o seu trabalho é importante que eu fale tudo, não é?"

Na entrevista de devolução, todos já se mostravam mais espontâneos e descontraídos frente à situação da pesquisa, demonstrando uma atitude de expectativa e interesse pelos resultados.

Em muitos casos, os sujeitos conseguiram alcançar uma compreensão maior de suas dificuldades, tanto no relacionamento com a figura materna como com os filhos, e a influência do primeiro relacionamento sobre o segundo, sendo que, muitos expressaram o desejo de procurar ajuda para superar suas dificuldades. No caso dos sujeitos do grupo I, entrou-se em contato com alguém responsável pelo caso, para discutir que orientação poderia ser dada ao sujeito, desde que não interferisse na rotina de atendimento da instituição. Quanto aos sujeitos do grupo II que manifestaram a intenção de buscar um atendimento psicológico, verificou-se que estes já tinham informações sobre onde poderiam se dirigir, sendo que, alguns pretendiam procurar este atendimento há algum tempo.

6 - CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo confirmaram a importância da relação mãe-filha, na qual a menina introjeta um modelo de relação materna que repercutirá em seu posterior desempenho do papel de mãe e em seu posicionamento como mulher.

Verificou-se que a mãe apresenta dificuldade em alcançar um modo individualizado de atuação junto aos filhos; esta dificuldade expressa-se tanto em termos de repetição de seu modelo de relação materna quanto numa atitude de oposição a este modelo, que implica, igualmente, numa ligação estreita ao seu modelo introjetado.

Comprovou-se que para a mãe conseguir alcançar um modo autônomo e autêntico de atuação junto aos filhos, torna-se imprescindível que ela tenha resolvido seus conflitos infantis com a figura materna, assim como, alcançado um satisfatório nível de independência emocional da mesma, sendo capaz de separar seus próprios sentimentos e atitudes dos que pertenciam à sua figura materna.

Observou-se que a mãe que ainda se encontra dependente emocionalmente de sua figura materna apresenta, do mesmo modo, dificuldade em aceitar que os filhos se separem emocionalmente, reforçando uma ligação de dependência, uma vez que ainda não conseguiu superar estes aspectos em si mesma.

Na investigação de campo realizada, evidenciou-se a exis

tência de diversos tipos de modelos de relação materna, que apresentavam características próprias, distinguindo-se uns dos outros. A estes modelos de relação materna, convencionou-se denominar de facilitador, restritivo e omissivo, baseando-se na contribuição de Spitz (1979) sobre o desenvolvimento da relação na díade, onde ressalta a influência que as ações da figura materna, principalmente as inconscientes, exercem sobre as ações do filho.

O modelo facilitador demonstrou ser aquele no qual as ações da figura materna visam estimular o potencial do filho e o desenvolvimento de sua individualidade; já no modelo restritivo, ocorre que as atitudes maternas têm por base a dominação e o controle do filho, levando-o a um sentimento de rejeição e insegurança para enfrentar a vida. Quanto ao modelo omissivo, a figura materna adota uma atitude de distanciamento afetivo, que vai repercutir na criança em termos de dificuldade de ligação afetiva.

É importante ressaltar que, no modelo de relação materna restritivo, foram encontradas uma série de nuances no que se refere à externalização de atitudes da figura materna, que variaram desde as que, dentro do modelo descrito, também infligiam maltrato corporal aos filhos até aquelas que se mostravam, em algumas ocasiões, afetivas em relação aos filhos. Neste último caso, evidenciou-se que os efeitos deste modelo pareceram ter sido, de certa forma, neutralizados, repercutindo de modo mais atenuado.

Foram confirmados a presença de aspectos de identificação feminina na relação mãe-filha, na qual a menina apreende tanto as atividades ligadas ao papel feminino, como os valores atribuídos pela mãe à própria feminilidade. Um dos momentos marcantes desta relação, em que a mãe tem um importante papel, é o da menarca, na qual a atitude da mãe frente à própria feminilidade vai influenciar a aceitação do papel feminino pela filha.

Finalmente, cabe retomar o que foi dito por Beauvoir, de que a relação da mãe com os filhos define-se no seio da forma global que é a sua vida, dependendo de suas relações com o marido, com o passado, com suas ocupações e consigo mesma, de onde se conclui a importância da mãe em superar seus conflitos infantis e alcançar um modo de atuação autônomo do papel de mãe e de mulher, sendo capaz de conciliá-los.

Os resultados encontrados nesta investigação mostram-se relevantes para um maior entendimento do processo de orientação de mães, onde estes aspectos de repetição de modelos introjetados de relação materna, nem sempre são bem compreendidos.

Foi observado que para a maioria dos sujeitos entrevistados, esta experiência de poder alcançar uma maior compreensão de suas dificuldades no relacionamento com os filhos e da influência de sua primeira relação com a figura materna nestas dificuldades, mostrou-se benéfica, sendo que muitos sujeitos expressaram o desejo de procurar ajuda para superar su

as dificuldades.

Além disso, tendo em vista o interesse atual pelo papel da mulher na sociedade e os conflitos e dificuldades que a mulher moderna experimenta frente à sua feminilidade e à conciliação de seus papéis de mãe e de mulher, pretende-se, com os elementos levantados neste trabalho, obter um melhor conhecimento sobre a experiência que a mulher tem de si, contribuindo desta forma, para o aprofundamento da psicologia feminina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, M.I. O Processo de Separação-Individuação na Orientação de Mães. PUC, Rio, 1977.
- BEAUVOIR, S. O Segundo Sexo. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967.
- BELOTTI, E.G. Educar para a submissão. Petrópolis, Vozes , 1975.
- BOWLBY, J. El Vínculo Afectivo. Buenos Aires, Paidós, 1976.
- DEUTSCH, H. La Psychologie des Femmes. Paris, Presses Universitaires de France, 1953.
- FREUD, S. Tres Ensayos Para Una Teoria Sexual. (1905). Obras Completas. Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1973. Tomo II, pp. 1169-1237.
- _____ . La Disolucion del Complejo de Édipo (1924). Obras Completas. Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1973. Tomo III, pp. 2748-2751.
- _____ . Algunas Consecuencias Psíquicas de la Diferencia Anatómica de los Sexos (1925). Obras Completas. Madrid, Editorial Biblioteca Nueva , 1973. Tomo III, pp. 2896-2903.
- _____ . Sobre la Sexualidad Femenina (1931). Obras Completas. Madrid, Editorial Biblioteca Nueva , 1973. Tomo III, pp. 3077-3089.
- _____ . Nuevas Lecciones Introductorias al Psicoanálisis (1933) - Leccion XXXIII-La Femenidad. Obras Completas. Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1973. Tomo III, pp. 3164-3178.

- GRUPO CERES. Espelho de Vênus: Identidade Social e Sexual da Mulher. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- KLEIN, M. Os Progressos da Psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.
- _____. Amor, Ódio e Reparação. Rio de Janeiro, Imago, 1970.
- _____. Psicanálise da Criança. São Paulo, Mestre Jou, 1975.
- KLEIN, M., SHARPE, E.F. et alli. A Educação de Crianças à Luz da Investigação Psicanalítica. Rio de Janeiro, Imago, 1973.
- LANGER, M. Maternidad y Sexo. Buenos Aires, Paidós, 1978.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. Vocabulário da Psicanálise. Lisboa, Martins Fontes, 1970.
- MAHLER, M. et alli. O Nascimento Psicológico da Criança - Simbiose e Individuação. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- _____. O Processo de Separação-Individuação. Porto Alegre, Artes Médicas, 1979.
- MEAD, M. Sexo e Temperamento. São Paulo, Perspectiva, 1969.
- MURRAY, H.A. Teste de Apercepção Temática (Manual). São Paulo, 1973.
- SPITZ, R. O Primeiro Ano de Vida: Um Estudo Psicanalítico do Desenvolvimento Normal e Anômalo das Relações Objetivas. São Paulo, Martins Fontes, 1979.
- WINNICOTT, D.W. The Capacity To Be Alone. In. Maturational Processes and The Facilitation Environment. Londres, The Hogarth Press, 1965.

- _____ . Textos Seleccionados: Da Pediatria à Psicanálise. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
- _____ . O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- ZAZZO, R. A Vinculação. Lisboa, Socicultur, 1978.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ANZIEU, D. Os Métodos Projetivos. Rio de Janeiro, Campus, 1978.
- FRANCISCO, A.L. Análise da Vivência de Tempo e de Espaço Interno da Mulher. PUC, Rio de Janeiro, 1983.
- LEBOVICI, S. e SOULÉ, M. O Conhecimento da Criança pela Psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- UCAMPU, M.L.S. et alli. Las Tecnicas Proyectivas y el Proceso Psicodiagnóstico. Buenos Aires, Nueva Vision, 1976.
- PUGLIESE, E.A. e ROJAS, M.C. Aspectos Psicopatológicos del Niño Maltratado: Tipología, Psicodinamia y Campo de Investigación Psicossomática. Revista Argentina de Psiquiatria y Psicologia de La Infancia y de La Adolescência, 1971, 2, 84-97.

A N E X O I

ROTEIRO DA ENTREVISTA DE COLETA DE DADOSDADOS PESSOAIS

- Idade
- Grau de Instrução
- Profissão
- Estado civil
- Constituição da família de origem
 - Idade dos pais
 - Número de irmãos
 - Idade e sexo dos irmãos
- Constituição da família atual
 - Idade do cônjuge
 - Tempo de casamento
 - Grau de instrução do cônjuge
 - Profissão do cônjuge
 - Número de filhos
 - Idade e sexo dos filhos
- Renda familiar (Soma de todos os rendimentos dos membros da família)
- Local de residência e condições de moradia

ENTREVISTA

- Como foram suas relações com sua mãe quando criança? Esclareça.
- Que tipo de pessoa ela era? Características do comportamento.
- E na adolescência? Como foi a relação entre vocês?
- E Atualmente?
- Quais eram seus sentimentos por ela na infância e na adolescência? E agora?
- Você se sentia dependente dela? Como?
- E agora, ainda se sente dependente? Como?

- Como foi sua primeira menstruação?
- Como era o relacionamento de sua mãe com os outros membros da família?
- Considera que o relacionamento com sua mãe teve influência sobre sua personalidade? Esclareça.
- Que tipo de mãe você se considera?
- Como imagina que seu(s) filho(s) a vê como mãe?
- Considera seu(s) filho(s) dependente(s) de você? Como se sente a respeito?
- Se tem filha, como se sente em relação a ela? Como lida com os aspectos ligados ao desenvolvimento da menina?
- Que dificuldades encontra para seu desempenho como mãe?
- Que acontecimentos em sua vida considera marcantes para seu desempenho como mãe?
- Vê alguma relação entre o tipo de mãe que você é com o que sua mãe foi?
- Que tipo de mãe gostaria de ser? (Mãe ideal)
- O que representa para você ser mãe?
- Como se vê como mulher?
- O que valoriza em você como mulher?
- Que dificuldades encontra, por ser mulher, para seu desempenho como mãe?
- Como se sente no casamento? Como é o relacionamento entre vocês?
- Como se sente profissionalmente?
- Que tipo de mulher queria ser? (Mulher ideal)
- Teve abortos espontâneos ou provocados? Como se sentiu a respeito?

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ,
fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

Maria Helena Novaes Mira

Maria Helena Novaes Mira
Orientador

PUC/RJ - Deptº de Psicologia

Monique Rose-Aimée Augras

Monique Rose-Aimée Augras
PUC/RJ - Deptº de Psicologia

Terezinha Féres Carneiro

Terezinha Féres Carneiro
PUC/RJ - Deptº de Psicologia

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 17 de julho de 1984

Vera Maria Ferrão Candau

Vera Maria Ferrão Candau
Coordenadora dos programas de
Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas